

Kellyane Folha Gois Moreira  
Lis Cardoso Marinho Medeiros  
Rodrigo Gondim Miranda

GUIA  
PRÁTICO  
DE PLANTAS  
MEDICINAIS  
PARA  
MULHERES





**Kellyane Folha Gois Moreira**

Enfermeira pela Faculdade Santo Agostinho (FSA) com especialidade em Saúde da Família pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Terapia Intensiva pela Unidade Integradas de Pós-Graduação (UNIPÓS). Mestre em Saúde da Mulher pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente enfermeira assistencial na Atenção Básica em Bom Jesus-PI.

**Lis Cardoso Marinho Medeiros**

Enfermeira pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), dentista pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), mestrado em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora Titular de Biofísica da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Tem experiência com formação de recursos humanos para o SUS, com o ensino à distância e fitoterapia. Faz parte da parte da Rede Evipnet com o projeto que coordena: Estratégias para redução da Mortalidade Materna no estado do Piauí.

**Rodrigo Gondim Miranda**

Geofísico pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e acadêmico de medicina pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).



M838g Moreira, Kellyane Folha Gois.  
Guia prático de plantas medicinais para mulheres. /  
Kellyane Folha Gois, Lis Cardoso Marinho Medeiros e  
Rodrigo Gondim Miranda . – Teresina: EDUFPI, 2019.  
130 p.

ISBN 978- 85-509-0459-7

1.Plantas Medicinais. I. Medeiros, Lis Cardoso  
Marinho. II. Miranda, Rodrigo Gondim. III. Título.

CDD 581.634



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

### Reitor

José Arimatéia Dantas Lopes

### Vice-Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

### Superintendente de Comunicação

Jacqueline Lima Dourado

### Editor

Ricardo Alaggio Ribeiro

### EDUFPI - Conselho Editorial

Ricardo Alaggio Ribeiro (presidente)

Acácio Salvador Veras e Silva

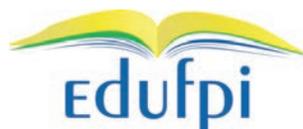
Antonio Fonseca dos Santos Neto

Wilson Seraine da Silva Filho

Gustavo Fortes Said

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Viriato Campelo



### Editora da Universidade Federal do Piauí - EDUFPI

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella

CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI - Brasil

*Todos os Direitos Reservados*

### Organização e Coordenação

Kellyane Folha Gois Moreira

# AGRADECIMENTOS

**Agradecemos a Deus pelo dom e sabedoria, aos familiares e amigos pelo apoio paciente a medida que trabalhávamos nessa obra, a Dra. Marluce Pereira Damasceno Lima e Rodrigo Gondim Miranda cujas ideias contribuíram para essa obra, ao nosso editor Nilmar Pinheiro da S. Morais que de maneira competente ajudou a transformar essa obra em realidade, aos profissionais e usuários da Atenção Básica de Bom Jesus-PI cuja participação estimulou nosso pensamento e aos nossos leitores que poderão usufruir do conhecimento aqui apresentado.**





A elaboração das orientações práticas para o uso das plantas medicinais voltadas à Saúde da Mulher baseou-se na literatura científica considerando alguns pontos do senso comum. A base de tais informações foi extraída de questionários aplicados às mulheres usuárias de Unidades Básicas de Saúde dentro da Estratégia de Saúde da Família de Bom Jesus-PI.

As mulheres se fazem protagonistas do saber empírico destinado ao alívio do sofrimento, que no simples lidar com a terra demonstram sua sabedoria e força no cultivo de plantas. Essa atividade está em consonância com o conhecimento formal preconizado pela medicina, que corretamente manipulada é enquadrada como uso de plantas medicinais.

Este Guia consiste em sistematizar as plantas medicinais mais utilizadas por mulheres assistidas pela Atenção Básica do município de Bom Jesus-PI. Para isso coletou-se dados visando à organização das espécies de plantas medicinais com suas respectivas exsiccatas identificadas no Herbário Graziela Barroso (TEPB) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), bem como suas características, situações tipicamente utilizadas, contraindicações, precauções, partes utilizadas, formas farmacêuticas, modo de preparo e posologia.

Assim, foi produzido um guia de boas práticas sobre plantas medicinais à luz do conhecimento adquirido ao longo da trajetória de dois anos de pesquisa, seguindo a metodologia de natureza quantitativa analítica prospectiva.

Produzido através do Mestrado Profissional em Saúde da Mulher (UFPI), este guia visa tornar mais fácil o acesso a valiosas informações que até então estavam restritas ao senso comum. É regido por uma linguagem acessível que potencializa uma comunicação eficaz, mas sem esquecer o compromisso que o rigor científico exige.

O Guia, em suma, supera os muros da Universidade e retribui à comunidade um instrumento efetivo que possibilitará agregar um maior valor à arte do cuidar.





INTRODUÇÃO.....	09
FIQUE SABENDO.....	11
RECOMENDAÇÕES.....	13
CUIDADOS E HIGIENE AO PREPARAR O MEDICAMENTO NATURAL.....	14
MEDIDAS PARA PREPARAR O MEDICAMENTO NATURAL.....	16
PREPARAÇÃO E MODO DE USO DO MEDICAMENTO NATURAL.....	17
ERVA CIDREIRA - <i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.....	19
HORTELÃ VERDE - <i>Mentha x villosa</i> Huds.....	27
MALVA - <i>Malva sylvestrus</i> L.....	35
CAPIM SANTO- <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) apf.....	41
FOLHA SANTA - <i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam). Oken.....	47
HORTELÃ VICK - <i>Mentha arvensis</i> L.....	53
ALGODÃO - <i>Gossypium herbaceum</i> L.....	59
MASTRUZ - <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.....	65
BOLDO - <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews.....	71
CHAMBÁ - <i>Justicia pectoralis</i> Jacq.....	79
AMORA- <i>Rubus sellowii</i> Cham. & Schtdl.....	85
ERVA-DE-SÃO-JOÃO <i>Hypericum perforatum</i> L.....	91
SOJA <i>Glicine Max</i> (L.) Merr.....	95
BABOSA <i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.....	101
AROEIRA <i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi.....	107
ANOTAÇÕES.....	111
REFERÊNCIAS.....	117





A utilização de plantas medicinais é considerada uma prática milenar associada aos saberes populares, que envolvem rituais utilizados pelos indivíduos na terapêutica e prevenção de doenças, fazendo parte da evolução humana em diferentes formas de organização social (ARAÚJO et al., 2015).

Atualmente, uma alta proporção de usuários e profissionais de saúde utilizam plantas medicinais e fitoterápicas (OLIVEIRA et al., 2015). Isso tem se intensificado com a implantação de programas voltados para esse tema na Estratégia de Saúde da Família (ESF), proporcionando aos indivíduos saberes e práticas; além de ações e serviços de promoção de cuidados à saúde tornando mais amplo e diversificado o acesso da população aos benefícios dessa prática no Sistema Único de Saúde - SUS (RODRIGUES et al., 2011).

Grande esforço vem sendo empregado em registros da diversidade de espécies medicinais e práticas tradicionais, com análises da importância relativa de táxons citados, bem como das indicações terapêuticas que contribuem para os potenciais estudos farmacológicos.

De forma geral, faz-se necessário maior esforço para estimular estudos que busquem explorar aspectos toxicológicos, farmacocinéticos e clínicos para possibilitar o desenvolvimento de novos medicamentos a partir da vasta biodiversidade brasileira.

A utilização inadequada de plantas medicinais pode causar efeitos tóxicos, reações alérgicas ou mesmo o aparecimento de algumas doenças. Para garantir segurança e eficácia ao utilizar plantas para fins terapêuticos, deve-se basear na literatura científica existente sobre suas propriedades farmacológicas e toxicidade (GUIMARÃES, 2013).

Às vezes uma única espécie pode ser conhecida por diferentes nomes populares ao longo do território brasileiro. É o caso da erva-cidreira que dependendo do local podem ser encontradas muitas espécies diferentes com o mesmo nome popular: *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br., *Melissa officinalis* L. e *Cymbopogon citratus* DC. Stapf. O uso diferente da forma tradicional pode ser perigoso, ocasionando a superdose, ineficácia terapêutica e reações adversas (MACHADO et al., 2014). Por isso, existe a necessidade de maiores estudos que esclareçam as peculiaridades das plantas medicinais, no que diz respeito às indicações, contraindicações e posologia.

Diante disso, esse Guia Prático de Plantas Medicinais reúne informações do conhecimento popular de mulheres assistidas pelas equipes da Estratégia de Saúde da Família (ESF) de Bom Jesus-PI, acerca do uso de plantas medicinais com vistas a contribuir para a disseminação dessas informações de forma sistematizada e com uma linguagem acessível e prática, auxiliando profissionais de saúde, bem como toda a comunidade.







**Planta medicinal:** É aquela utilizada na preparação de remédio.

**Princípio ativo:** Substância que contém na planta utilizada para tratar doenças ou aliviar os sintomas das doenças.

**Fitoterapia:** Tratamento utilizado com plantas medicinais para tratar ou prevenir doenças.

(BRASIL, 2008)







 Antes de utilizar alguma planta medicinal é necessário certificar-se sobre a mesma e consultar um profissional especializado para identificá-la.

 Confira se a planta medicinal se encontra em bom estado, livre de insetos e sujidades.

 Não se deve utilizar plantas medicinais que ficam próximas a córregos, esgotos e lixo, pois podem estar contaminadas.

 Não é recomendável utilizar planta medicinal associada a medicamentos farmacêuticos sem conhecer as recomendações e contraindicações, pois pode ocorrer um efeito adverso.

 É necessário seguir o modo de uso e preparo correto de acordo com a orientação do profissional especialista, pois o tempo de tratamento e modo de uso vai depender da doença.

 Deve-se evitar o preparo e uso de diversas plantas medicinais ao mesmo tempo, pois uma pode anular o efeito da outra, podendo ocasionar um efeito adverso.



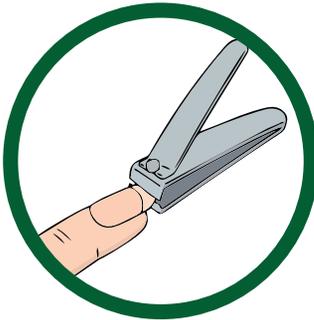
Nos casos de efeitos adversos após o uso de qualquer planta medicinal, deve-se procurar uma unidade de saúde mais próxima à sua residência.





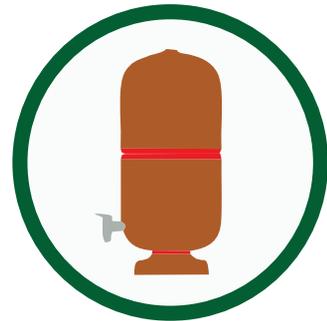
# CUIDADOS E HIGIENE AO PREPARAR O MEDICAMENTO NATURAL

Antes, durante e após o preparo de plantas medicinais lave as mãos.



As unhas deverão estar cortadas e limpas.

Em água limpa e corrente, lave a parte da planta que irá ser utilizada.



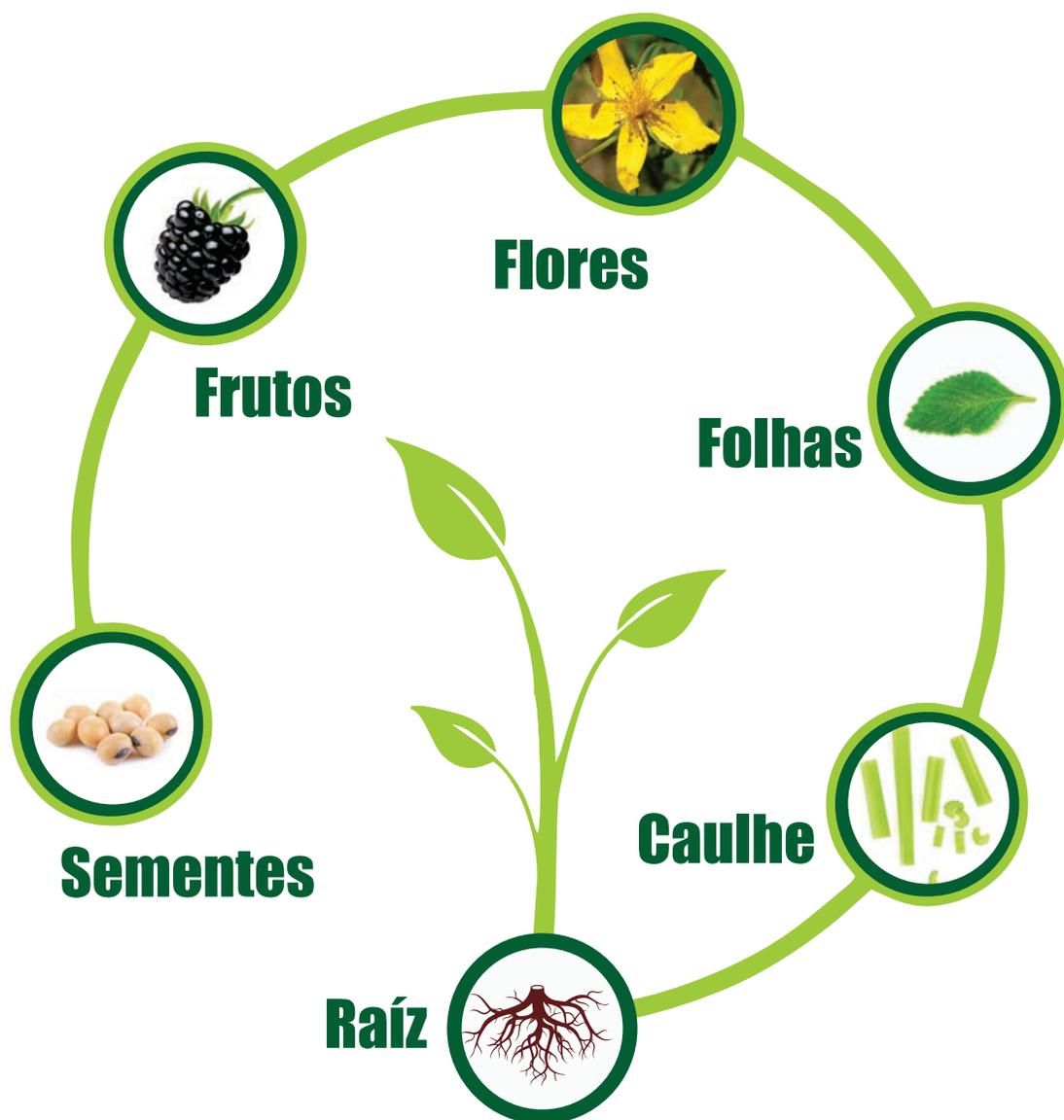
Utilize água limpa, fervida e/ou filtrada.

**Certifique que todos os objetos e utensílios utilizados estão limpos.**





**Certifique-se na literatura científica ou com profissional especialista qual parte da planta medicinal deverá ser utilizada.**





Colher de Sopa (15ml)



Colher de Sobremesa (10ml)



Colher de Chá (5ml)



Colher de Café (2ml)



Xícara de Chá (grande) = 150ml

Xícara de Café (pequena) = 100ml



Copo de vidro comum (americano) = 190 ml



# PREPARAÇÃO E MODO DE USO DO MEDICAMENTO NATURAL



**Compressa:** Consiste em colocar na região afetada uma gaze ou um pano limpo e umedecido com um infuso ou decocto, frio ou aquecido, a depender da indicação de uso.



**Decocção/cozimento:** Preparação que consiste na ebulição da droga vegetal em água potável por tempo determinado. Indicado para partes de plantas com consistência rígida, tais como: cascas, raízes, rizomas, caules, sementes e folhas coriáceas.

**Infusão/abafado:** A água fervente é colocada sobre a parte da planta medicinal e abafada por um período de tempo determinado. Indicado para partes de plantas de consistência menos rígidas tais como folhas, flores, inflorescências e frutos, ou com substâncias voláteis ativas.



**Maceração:** Processo de manter em contato com líquido extrator, a parte da planta rasurada indicada na fórmula, com agitação diária, por no mínimo 07 dias consecutivos. Após o tempo, a mistura é filtrada e o resíduo restante no filtro é lavado aos poucos com q.s. do dissolvente para obter o volume final da tintura preparada.

**Tintura:** Extratos de preparação com álcool e plantas medicinais, obtidos por maceração utilizando tanto 1 parte em massa de droga vegetal e quantidade suficiente do solvente de extração para produzir 10 partes de massa ou volume de tintura ou 1 parte em massa de droga vegetal e quantidade suficiente de solvente de extração para produzir 5 partes, em massa ou volume, de tintura.



**Xarope:** Forma aquosa que apresenta, no mínimo, 45% (p/p) de sacarose ou outros açúcares.

[BRASIL, 2012]





# Erva-cidreira



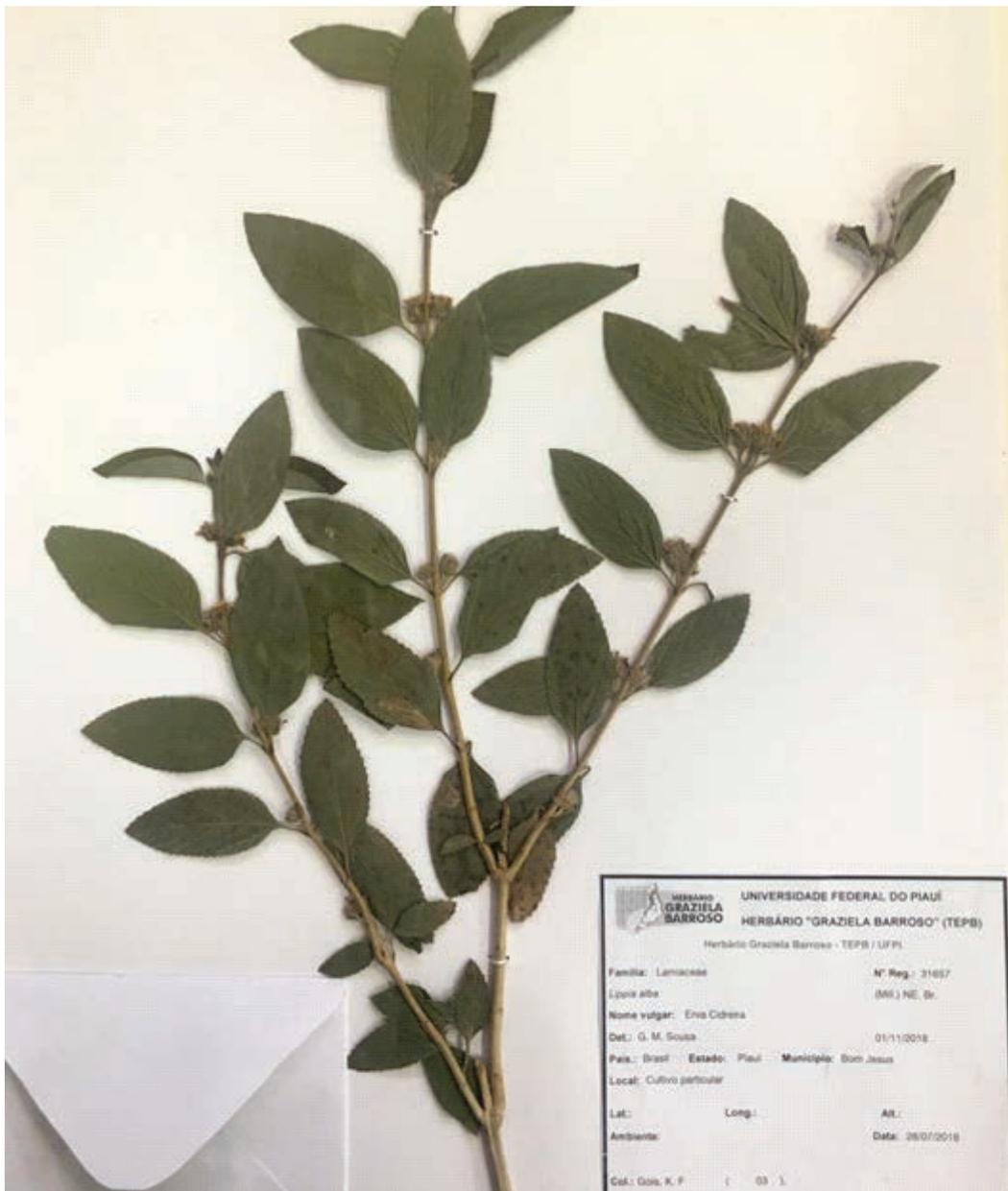
FONTE PRÓPRIA







FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **ERVA CIDREIRA**

Família: **Verbenaceae**

Nome científico: *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br.







Muito difundida no país, a erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br.) é bastante utilizada na medicina popular brasileira (CAMILLO, 2016). Trata-se de sudarbusto cujas folhas são inteiras com bordas serradas, sendo essa parte a mais citada na literatura com uso medicinal. Já suas flores apresentam coloração azul-arroxeadas em inflorescências axilares (LORENZI; MATOS, 2002).

## INDICAÇÕES

Calmanete, diarreia, prisão de ventre, dor nos ossos, indigestão, abrir apetite, cólica (SANTOS et al., 2012).



Ação calmante e analgésica (SILVA et al., 2014).

Calmanete, dor de barriga e má digestão (OLIVEIRA; COSTA, 2017).

Febre, tonteira, gases, cicatrizante, diarreia, dor abdominal, dor de cabeça, aumenta o apetite, gripe, barriga inchada, vermífugo (FEIJÓ et al., 2013).



Calmanete (BANDEIRA; SILVA; BRITO, 2015).

Dor de cabeça, febre, gripe e pressão alta (ALMEIDA NETO; BARROS; SILVA, 2015).



Calmanete, má digestão, dor na barriga, baixa a pressão, dor no intestino, mal estar, dor de cabeça, enjoo, insônia, cólica e dor (CAETANO, et al., 2015).

Catapora, sarampo, caxumba e dismenorria (CALÁBRIA et al., 2008).

Sedativa, antiespasmódica, ansiolítica e analgésica (Saad et al., 2016).

Prevenir enxaqueca e tratamento analgésico (BRASIL, 2011).





## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES



De acordo com Saad et al. (2016), não é recomendável para pessoas com pressão baixa (hipotensos) e para crianças de 0 a 5 anos de idade.

## PARTES UTILIZADAS

As partes mais utilizadas da planta são:

Folhas (BANDEIRA; SILVA; BRITO, 2015; CAETANO et al., 2015; MOSCA, LOIOLA, 2009).

Folhas e raiz (CALÁBRIA et al., 2008).



## FORMAS FARMACÊUTICAS

A *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. pode ser utilizada como decocção (fervura) e infusão para Almeida et al. (2015); infusão e fervura segundo Bandeira, Silva e Brito (2015); suco para Feijó et al. (2013); decoção e xarope para Calábria et al. (2008).

## MODO DE PREPARO E POSOLOGIA

Planta seca ou pó: 3 a 6g/dia;



Infusão: 3 a 6g para cada xícara, 1 a 2 vezes/dia;



Xarope: pesos iguais do infuso e açúcar, deve-se aquecer lentamente até ficar com aspecto homogêneo e tomar 10 ml 3 a 6 vezes/dia (indicado para tratar gripes e como expectorante);



Tinturas (1:5, etanol 70): 25 a 30 gotas, após as refeições;



Decocto 1 ou 2 canecas, tigelas ou xícara de chá por dia;



Xarope 1 colher de sopa por dia ou meia caneca, tigela ou xícara de chá xícara 4 vezes ao dia em jejum;



-  Crianças de três a sete anos podem tomar 35 mL do infuso, logo após o preparo, três a quatro vezes ao dia;
-  Acima de sete a 12 anos: tomar 75 mL do infuso, logo após o preparo, três a quatro vezes ao dia;
-  Acima de 12 anos: tomar 150 mL do infuso, logo após o preparo, três a quatro vezes ao dia;
-  Maiores de 70 anos: tomar 75 mL do infuso, logo após o preparo, três a quatro vezes ao dia.

[Brasil, 2011]  
[SAAD et al. ,2016]





# HORTELÃ-VERDE

FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **HORTELÃ-VERDE**  
 Família: **Lamiaceae**  
 Nome Científico: *Mentha x villosa* Huds







*Mentha x villosa* Huds, é considerada como uma planta híbrida que apresenta folhas ovais, curtas e pecioladas com aroma forte e bem característico; e quando apresenta folhas, essas ficam dispostas em espigas curtas terminais (NASCIMENTO, 2008).

## INDICAÇÕES

Tratamento de transtornos gástricos e diarreia (MATOS, 1994 APUD MATOS 1999).

Calmante, servindo para dor de barriga e algumas parasitoses (BATTISTI et al., 2013).

Vermífugo, bronquite e gripe com a associação de outras plantas, mas não as descreveu (MEDEIROS; FONSECA; ANDREATA, 2004).



Tosse (LUCENA et al., 2013)

Gripe e ameba (MOSCA; LOIOLA, 2009)

Giárdia (INNECCO et al., 2003).

Tratamento de dor, trombose, derrame, verme, gastrite, cólica e diarreia (SILVA; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2008).

Indicada para tratamento espasmolítico, antivomitivo, carminativa, estomáquica, anti-helmítica, anti-séptica, antiprurido;

E para Soares et al. (2009), para acidente vascular cerebral (AVC);

tosse;

trombose;

gripe;

dor de barriga;

vermes e hipertensão.





## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES

De acordo com Silva, Oliveira e Araújo (2008) é necessária a identificação botânica da espécie para o uso seguro, pois o seu elevado teor de mentol em alguns tipos pode ser letal pelo fato de induzir parada cardiorrespiratória. E óleo essencial que é extraído das folhas do hortelã-verde, produz hipotensão e bradicardia dose dependente, devido conter a rotundifolona.

Para Lima et al. (2008), os pacientes que possuem refluxo gastroesofageal ou úlceras gástricas ativas, não podem utilizar o óleo de hortelã, pois o mesmo diminui a pressão esofageal do esfíncter.

De acordo com Saad et al. (2016), é contraindicado em mulheres que estão amamentando (lactantes) e na gravidez pode irritar a mucosa ocular e provocar insônia em pessoas com hipersensibilidade.

### PARTES UTILIZADAS

As partes mais utilizadas da planta são:

Folhas (LUCENA et al., 2013; BATTISTI et al., 2013; SILVA; OLIVEIRA, ARAÚJO, 2008; SOARES et al., 2009).



### FORMAS FARMACÊUTICAS

O hortelã-verde *Mentha x villosa* Huds pode ser utilizado como: xarope e suco (MEDEIROS; FONSECA; ANDREATA, 2004), infusão (MOSCA; LOIOLA, 2009); infusão (BATTISTI et al., 2013)



### MODO DE PREPARO E POSOLOGIA



Água fervente sobre as folhas, acrescentando mel ou açúcar queimado;



Esmaga a folha e dá para a criança cheirar;





-  Esmaga a folha e coloca na água fria;
-  Infusão em uma xícara com três folhas;
-  Ferve a água e coloca a planta em emulsão;
-  Ferve com leite três a quatro talos ou macera três folhas;
-  Em um copo, acrescenta água quente, tampa até esfriar e toma,
-  O chá tradicional pode ser utilizado em dose usual: 1 colher de sopa de erva fresca (4g) ou seca (2g) para cada xícara de água.

[BATTISTI et al.,2013]  
[LIMA et al.,2008]

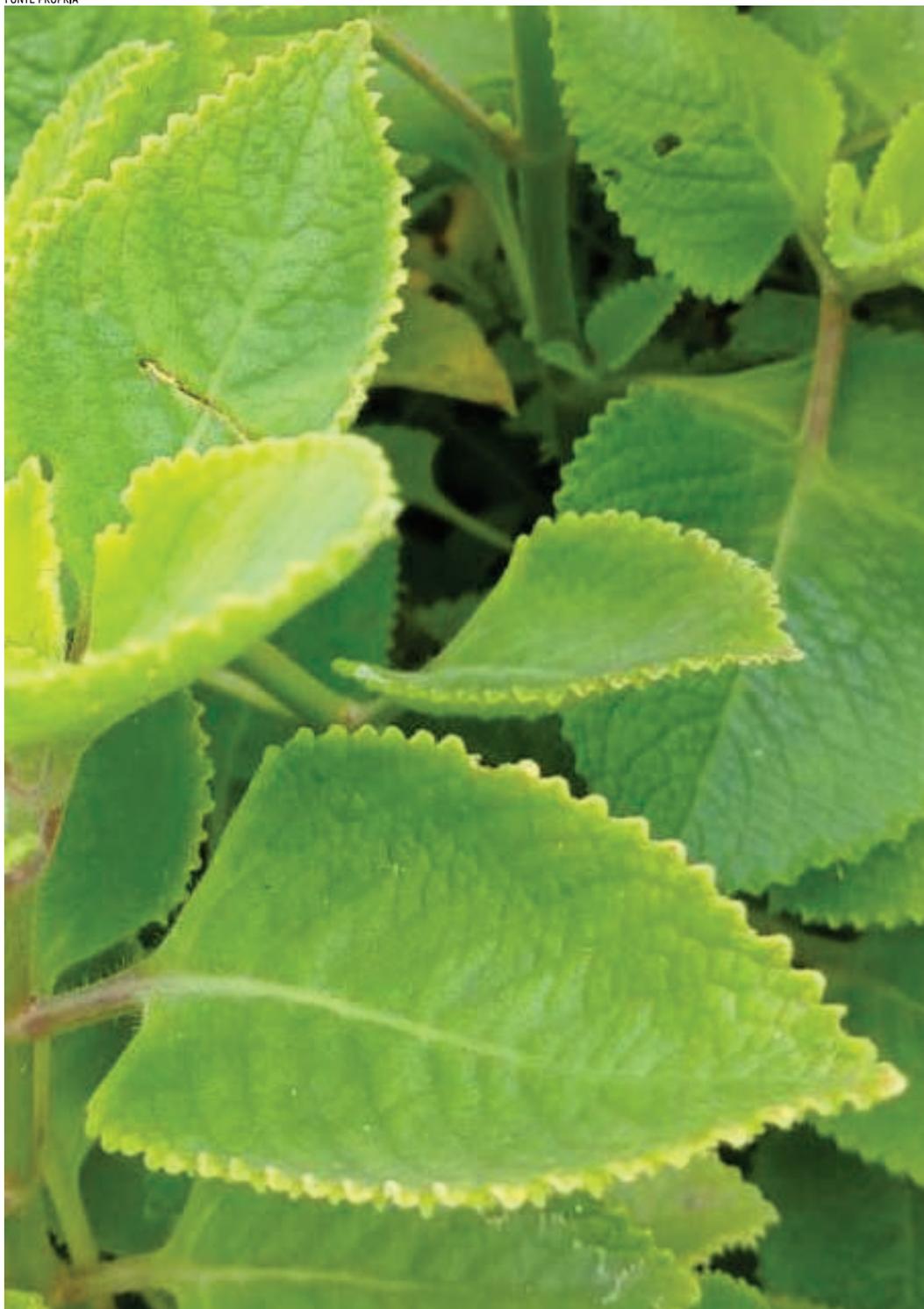




# MALVA

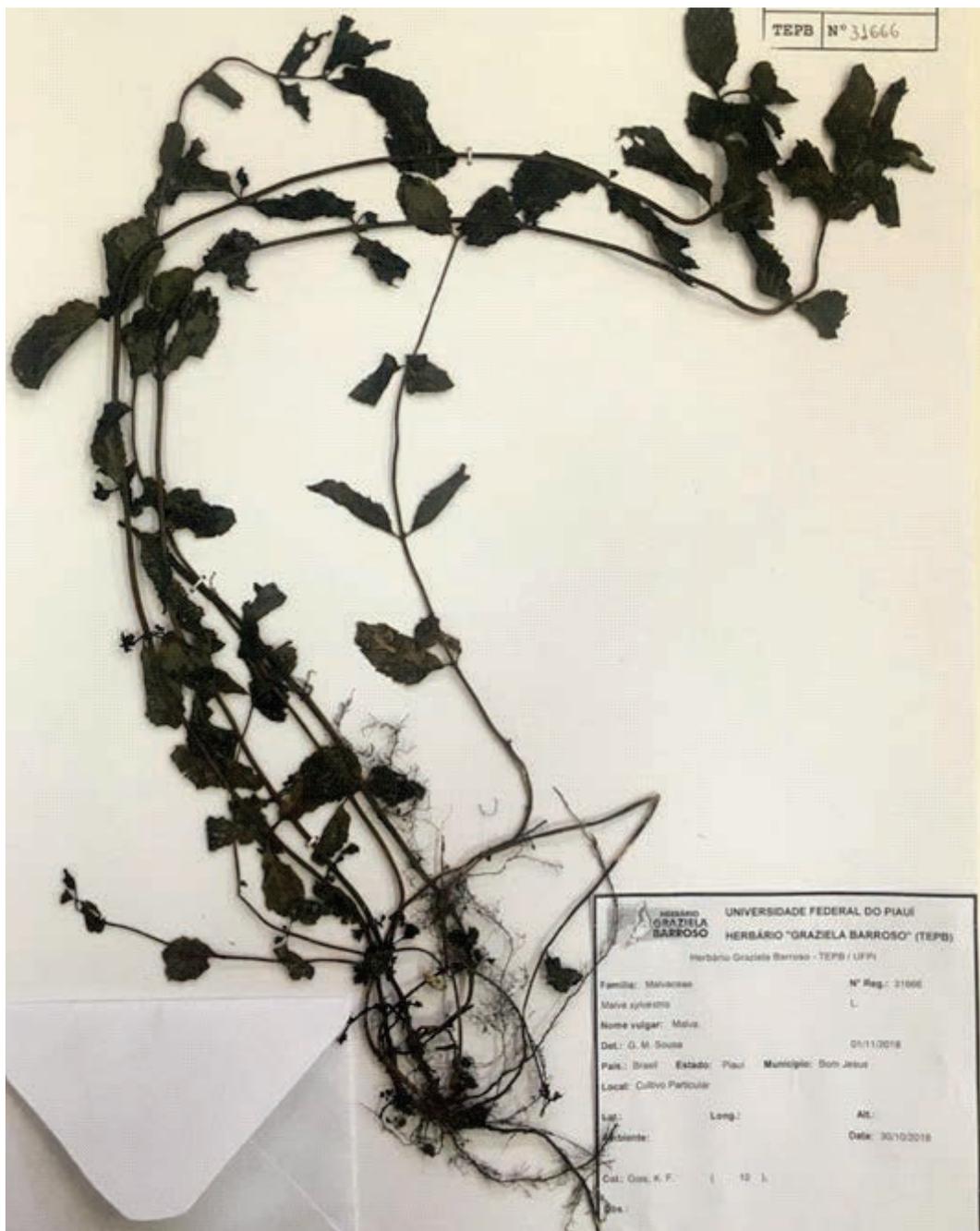


FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **MALVA**

Família: **Malvaceae**

Nome Científico: *Malva sylvestris* L.





A *Malva sylvestris* L. é uma planta herbácea, perene ou bienal, que pode ser ereta ou decumbente, apresenta ramificações com casca fibrosa e flores nervadas com margens lobadas e irregulares serreadas e revestida de pelos ásperos. As flores são de coloração púrpura ou róseas e frutos aquênios discoides (LORENZI; MATOS, 2008).

## INDICAÇÕES

Infecção (SIQUEIRA et al., 2017).

Cicatrização de feridas (VARGAS et al., 2014).

Dorigini et al. (2001) verificou a utilização no tratamento de feridas externas colesterol (DE DAVID; PASA, 2015).



Inflamação na boca e dor de dente (GONÇALVES et al., 2014).

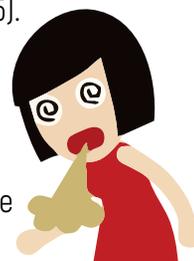
Dor de dente e de garganta (SILVA; BÜNDCHEN, 2011).

Assadura, diarreia, gripe, inflamações, insônia e prisão de ventre.

Tratamento doenças gastrointestinais (LINS; MEDEIROS, 2015).

Antigripal, analgésica, anti-inflamatória, vermífuga, expectorante, antipirética (SILVA; SILVA; BRITO, 2018).

Tratamento de faringoamigdalite (ALENCAR et al., 2015); laxante (SZERWIESKI et al., 2017); gripe e rouquidão (FRANCO; BARROS, 2006).



## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES



Não foi encontrada na literatura qualquer contraindicação, apenas advertência se apresentar reações alérgicas, deverá suspender o uso imediatamente (BRASIL, 2010).





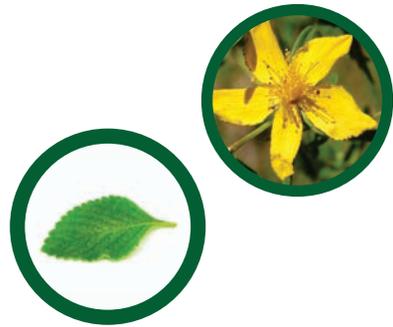
## PARTES UTILIZADAS

As partes mais utilizadas da planta são:

Casca [DE DAVID; PASA, 2015].

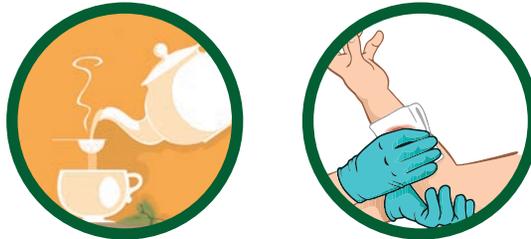
Folhas [ALENCAR et al., 2015; DORIGINI et al., 2001;  
FRANCO; BARROS, 2006; LINS; MEDEIROS, 2015].

Folhas e flores [SILVA; MARINI; MELO, 2015].



## FORMAS FARMACÊUTICAS

Deve-se utilizar a Malva na forma infusa ou compressa.



## MODO DE PREPARO E POSOLOGIA

-  Como uso interno, deve-se ingerir 2g de folhas e frutos para 150 mL água de forma infusa, logo após o preparo quatro vezes ao dia;
-  Como uso externo, deve-se realizar a higienização, aplicar 6g de folhas e flores de forma infusa com auxílio de algodão sobre o local afetado, três vezes ao dia,
-  Como antisséptico bucal deve realizar bochechos ou gargarejos três vezes ao dia.

[BRASIL, 2010].



# CAPIM SANTO



FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **CAPIM SANTO**  
 Família: **Gramineae (Poaceae)**  
 Nome Científico: *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf





O capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf) é uma gramínea alta e perene, originária da Índia, mais conhecida como capim-limão ou capim santo na medicina popular. Possui hastes (caule) de coloração verde, poucas fitas na base e folhas eretas (LIMA et al., 2008).

De acordo com Araújo et al. (2015) é considerado com uma planta medicinal presente na vida dos nordestinos devido suas propriedades serem bem conhecidas.

## INDICAÇÕES

Cefaleia de origem tensional, ansiedade, nervosismo, insônia, flatulência e como relaxante muscular (dores e tensões musculares de etiologia diversa, hipertensão arterial). Antiespasmódica, calmante e analgésica (SAAD et al., 2016).



Hipotensora (NEGRELLE; GOMES, 2007).

De acordo com o estudo de Lucema et al. (2015), no combate de bactérias e aumenta de forma eficaz o efeito do antibiótico em bactérias resistentes (gram-positivas e gram-negativas) e para Zago et al. (2009), relata que o óleo associado com gentamicina, cefalotina e cefepime no tratamento contra *S. aureus* potencializa o efeito antibacteriano.



## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES



De acordo com Lima et al. (2008), o capim santo não pode ser utilizado durante a gravidez pois estimula o útero e o sangramento menstrual e é contraindicado também para os casos de dor abdominal de causa desconhecida e gastrite.



Vale ressaltar que o uso do capim santo junto com medicamentos sedativos, faz com que ocorra a potencialização do efeito e o autotratamento deve ser evitado e associado a outros farmacológicos visto que as plantas medicinais possuem compostos químicos que podem promover a diminuição dos efeitos ou provocar reações indesejadas (ARAÚJO et al., 2015).





## PARTES UTILIZADAS

A parte mais utilizada do capim santo é a folha de acordo com LIMA et al. (2008) e Saad et al. (2016).

## FORMAS FARMACÊUTICAS

No segmento comercial, na região do sul do Brasil, mais precisamente na cidade de Curitiba, a infusão do capim-limão/capim-santo, tem sido apontado como um dos principais chás explorados pelas indústrias (GOMES, 2003) e para Lima et al. (2008) ele possui óleo volátil.



## MODO DE PREPARO E POSOLOGIA

 Utilizar 4g de folhas frescas ou 2g folhas secas (1 colher de sopa para cada xícara de água) em infuso ou decocto em uso interno 2 a 3 vezes ao dia;

 Tintura em doses de 10 a 20ml/dia divididas em 2 ou 3 tomadas diluídas em água,

 Utilizar a infusão das folhas frescas ou um refresco preparado mediante a mistura de aproximadamente 40 folhas cortadas e trituradas em liquidificador com o suco de 4 a 6 limões em um litro de água. Esta mistura deverá ser filtrada e poderá ser tomada durante todo o dia.



[LIMA et al., 2008]  
[SAAD et al., 2016]



# FOLHA SANTA



FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **FOLHA SANTA**  
 Família: **Crassulaceae**  
 Nome Científico: *Bryophyllum pinnatum* (Lam.). Oken







A *Bryophyllum pinnatum* (Lam). Oken é uma planta herbácea ereta e perene que pertence à família Crassulaceae, apresenta caule de coloração vermelha, com folhas verde escuras de aspecto carnudo e suculento (CHIBLI, 2013).

## INDICAÇÕES

Gripe, tosse, cicatrizante, frieira (GOMEZ; ROCHA, GOMBERG, 2016).

Inflamação e "pancadas" (BARBOSA et al., 2012).



Dores nas "urinas", dor, gripe, inflamação e febre (FREITAS; COELHO, 2014).

Garganta, gastrite gripe, tosse mais também para dor de (SILVA et al., 2015).

A Gripe, febre, rins, fígado, inflamação (LOPES et al., 2016).

Cicatrização (SILVA; BARROS; MOITA-NETO, 2015).



Para além de inflamação e "pancada", há relatos que a planta serve para a esterilidade feminina (ALMEIDA NETO; BARROS; SILVA, 2015) e inflamação no útero (MOSCA; LOIOLA, 2009).

Patologia erisipela, tosse, gastrite e dores no estômago (BITENCOURT; LIMA; BARROS, 2014).

Bronquite, pneumonia, dores nas pernas e lombalgia, cefaleia e depurativo e queimaduras (CALÁBRIA et al., 2008).



Fungicidas, hipertensão arterial, úlceras e inflamações (BRAZ et al., 2013).

## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES



Na literatura não foi encontrado qualquer contraindicação da *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Kurz.





## **PARTES UTILIZADAS**

As partes mais utilizadas da planta são:

Caule e Folhas (FREITAS; COELHO, 2014). Folhas (ALMEIDA NETO; BARROS; SILVA, 2015).

Folhas (SAAD et al., 2016).

## **FORMAS FARMACÊUTICAS**

A folha santa pode ser utilizada como: decocção e chá (SILVA, et al. 2012); chá misturado com



leite e sumo (BITENCOURT, LIMA e BARROS, 2014); emplasto (CALÁBRIA, et al. 2008); xarope (GOMEZ; ROCHA; GOMBERG, 2016); cataplasma, decocto, suco (ALMEIDA NETO, BARROS e SILVA, 2015).

## **MODO DE PREPARO E POSOLOGIA**



Decocção: galhinho + água e ferve. Lambedor: Cozinha, coa, coloca o açúcar e deixa no fogo para apurar. Tomar 1 colher 3 vezes ao dia (FREITAS; COELHO, 2014).



A decocção pode ser administrada ½ cálice ou xícara de café três vezes ao dia ou uma caneca, tigela ou xícara de chá três vezes ao dia (CALÁBRIA et al., 2008).



# HORTELÃ VICK

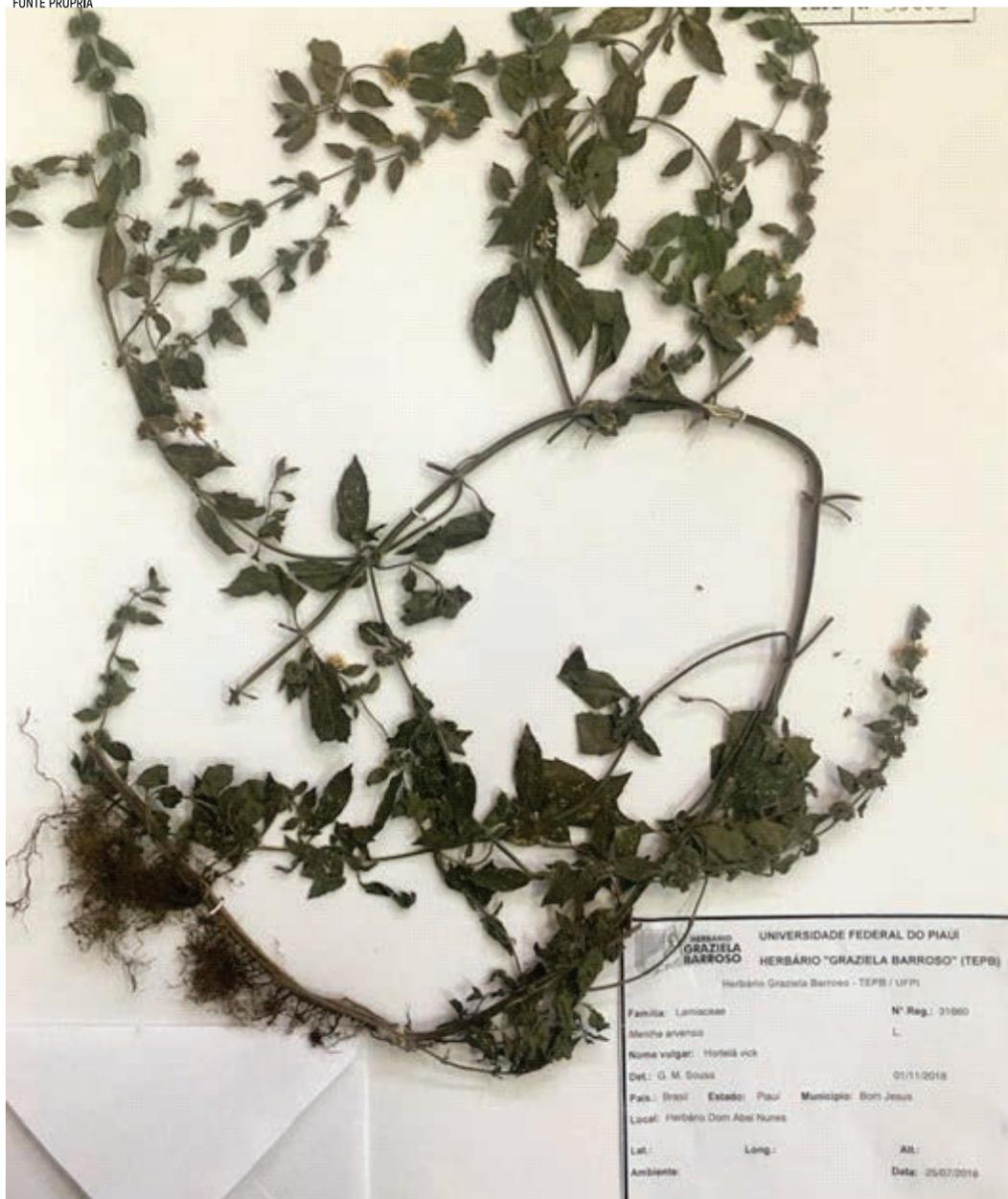


FONTE PRÓPRIA





FORTE PRÓPRIA



Nome popular: **HORTELÃ VICK**  
 Família: **Lamiaceae**  
 Nome Científico: *Mentha arvensis* L.







*Mentha arvensis L.*, é uma planta anual que pertence à família Lamiaceae apresentando hábito herbáceo rizomatoso, estolonífera, de caule quadrangular, folhas opostas, ovaladas e serradas; sendo conhecida popularmente como menta-japonesa, vick, hortelã-do-brasil [AMARO et al., 2013].

## INDICAÇÕES

Gripe, tosse, ameba, dor de garganta, cabeça e estômago [VÁSQUEZ; MENDONÇA, NODA, 2014].



Dor de cabeça, ameba, gripe, febre, prisão de ventre, vermes, reumatismo e enxaqueca [FREITAS et al., 2012].

Calmante e insônia [SILVA; FARIAS, 2014], CALÁBRIA et al., 2008).

Gripe e problemas digestivos [MAGALHÃES, 2006].



Problemas relacionados à tireóide [BANDEIRA; SILVA; BRITO, 2015].

## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES



Para Lima et al. [2008], os pacientes que possuem refluxo gastroesofageal ou úlceras gástricas ativas, não podem utilizar o óleo de hortelã, pois o óleo diminui a pressão esofageal do esfíncter.

## PARTES UTILIZADAS

As partes mais utilizadas da planta são:

Folhas [ALVES; POVH, 2013]; [BANDEIRA; SILVA; BRITO, 2015].



## FORMAS FARMACÊUTICAS

O hortelã verde (*Mentha arvensis L.*) pode ser utilizado como: chá, sumo (int. e ext.), xarope [VÁSQUEZ; MENDONÇA, NODA, 2014].



Chá, suco, óleo, junto com o café (FREITAS et al., 2012).  
Decocção (CALÁBRIA et al., 2008).  
Decocção (MAGALHÃES, 2006).  
Chá (LIMA; PIRES; VIEIRA, 2014),  
Chá fusão e fervura (BANDEIRA; SILVA, BRITO, 2015).



### MODO DE PREPARO E POSOLOGIA



Pode ser ingerido 1 xícara 2-3 vezes ao dia.



O chá tradicional pode ser utilizado em dose usual: 1 colher de sopa de erva fresca (4g) ou seca (2g) para cada xícara de água.

(CALÁBRIA et al., 2008).  
(Lima et al., 2008).



# ALGODÃO

FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **ALGODÃO**  
Família: **Malvaceae**  
Nome Científico: *Gossypium herbaceum* L.





A *Gossypium herbaceum* L. é caracterizada por um tipo de arbusto ou subarbusto que varia até 2m de altura, apresentando poucas ramificações, folhas coriáceas, pubescentes e trilobadas. Flores denteadas de coloração amarelada. Frutos com cápsulas longas esbranquiçadas (LORENZI; MATOS, 2008).

## INDICAÇÕES

No Brasil a *Gossypium herbaceum* L. é indicada para o tratamento de disenteria, hemorragia uterina, cicatrizante, amenorreia, falta de memória, distúrbios da menopausa e impotência sexual, micoses e frieiras (LORENZI ; MATOS, 2008).



Indicada o para tratamento hemostático e regulador das funções uterinas (BRASIL, 2015).



## CONTRA INDICAÇÕES E PRECAUÇÕES



A espécie contém uma substância conhecida como gossipol que está presente nas sementes, na casca da raiz, nas folhas e flores. E esta substância pode inibir a espermatogênese (LORENZI; MATOS, 2008).



## PARTES UTILIZADAS

Folhas, casca da raiz e sementes (LORENZI; MATOS, 2008).



## FORMAS FARMACÊUTICAS

Chá e uso tópico (LORENZI; MATOS, 2008).



### MODO DE PREPARO E POSOLOGIA



Deve-se utilizar as folhas trituradas de algodão na região à ser cicatrizada;



O chá da raiz e folhas na forma habitual como medicação caseira para tratar disenteria, hemorragia uterina;



As flores e frutos ainda verdes para tratar micoses e frieiras,



Durante a busca na literatura identificou-se que há poucos registros de estudos farmacológicos clínicos ou pré-clínicos de uso medicinal dessa planta.

(LORENZI; MATOS, 2008)

# MASTRUZ

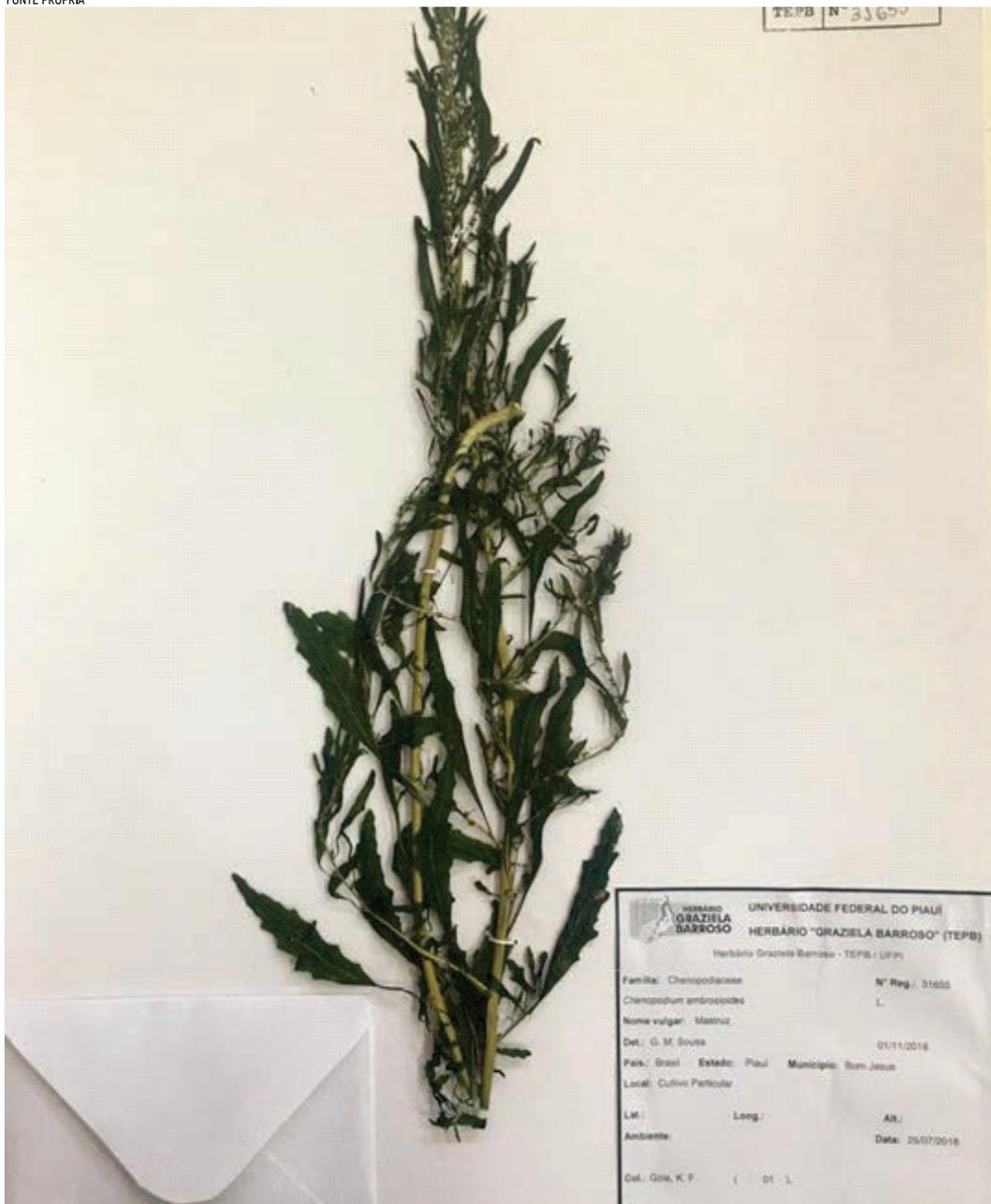


FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **MASTRUZ**  
Família: **Amaranthaceae**  
Nome Científico: *Chenopodium ambrosioides* L.





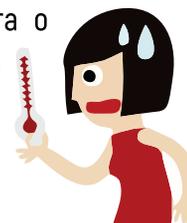
A espécie herbácea *Chenopodium ambrosioides* L. é uma planta medicinal perene ou anual que pertencente à família Chenopodiaceae (JOLY,2002).

Apresenta folhas longas e de tamanhos variados e geralmente apresentam formas de espigas de tamanho pequeno e de cor verde, possui sementes preta e esféricas e ainda é uma espécie rica em óleo (SOUSA et al., 2004; SÁ, 2013; LIMA et al., 2006).

### INDICAÇÕES



A *Chenopodium ambrosioides* L. é indicada para o tratamento de helmintíases, antibactericida e antirreumática.



O óleo essencial apresenta propriedade antifúngica, tratamento de distúrbios digestórios, respiratórios, urogenitais, vasculares, nervosos, metabólicos, sedativo, antitérmico e antirreumático.



Antireumático, digestivo, antipirético, antimicrobiano, antifúngico, vermífugo, antiulcerogênico e cicatrizante (DI ISTASI; HIRUMALIMA,2002; COSTA, TAVARES,2006, THOMAZ,2012).

Para Lorenzi e Matos (2008), utiliza-se no tratamento estomático, antirreumatismo e anti-helmíntico e com o sumo que é extraído das folhas, associado ao leite, serve para tratar tuberculose e broquite.



### CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES

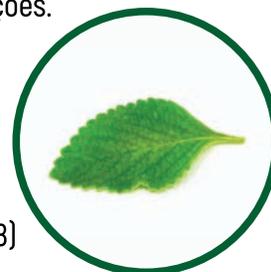


Na literatura não foi encontrado nada relacionado a contraindicações.

### PARTES UTILIZADAS

A parte mais utilizada da planta são as folhas.

(LORENZI; MATOS, 2008)





(ALONSO et al., 2012)

## FORMAS FARMACÊUTICAS



Óleo essencial (BAUMGART, 2014) e infusão (LUCENA, 2007),  
 **MODO DE PREPARO E POSOLOGIA**

Para o tratamento de helmintíases, a comunidade de Camarões utiliza a preparação de dois punhados das folhas infundidos em 1,5 L de água, em que adultos podem ingerir um copo e as crianças e meio copo, duas vezes ao dia, por dois dias (NOUMI; YOMI, 2001).  


No Brasil é utilizado 20 folhas verdes trituradas associadas a 100 mL de leite, mel de abelhas ou suco de laranja, que deverá ser inserida em um só dia e repetir a dose após dez dias no tratamento de inflamações (LIMA et al., 2006).  


Para Lorenzi e Matos (2008) deve-se utilizar a planta triturada para por meio de compressas ou ataduras para tratamento de contusões e fraturas.



# BOLDO

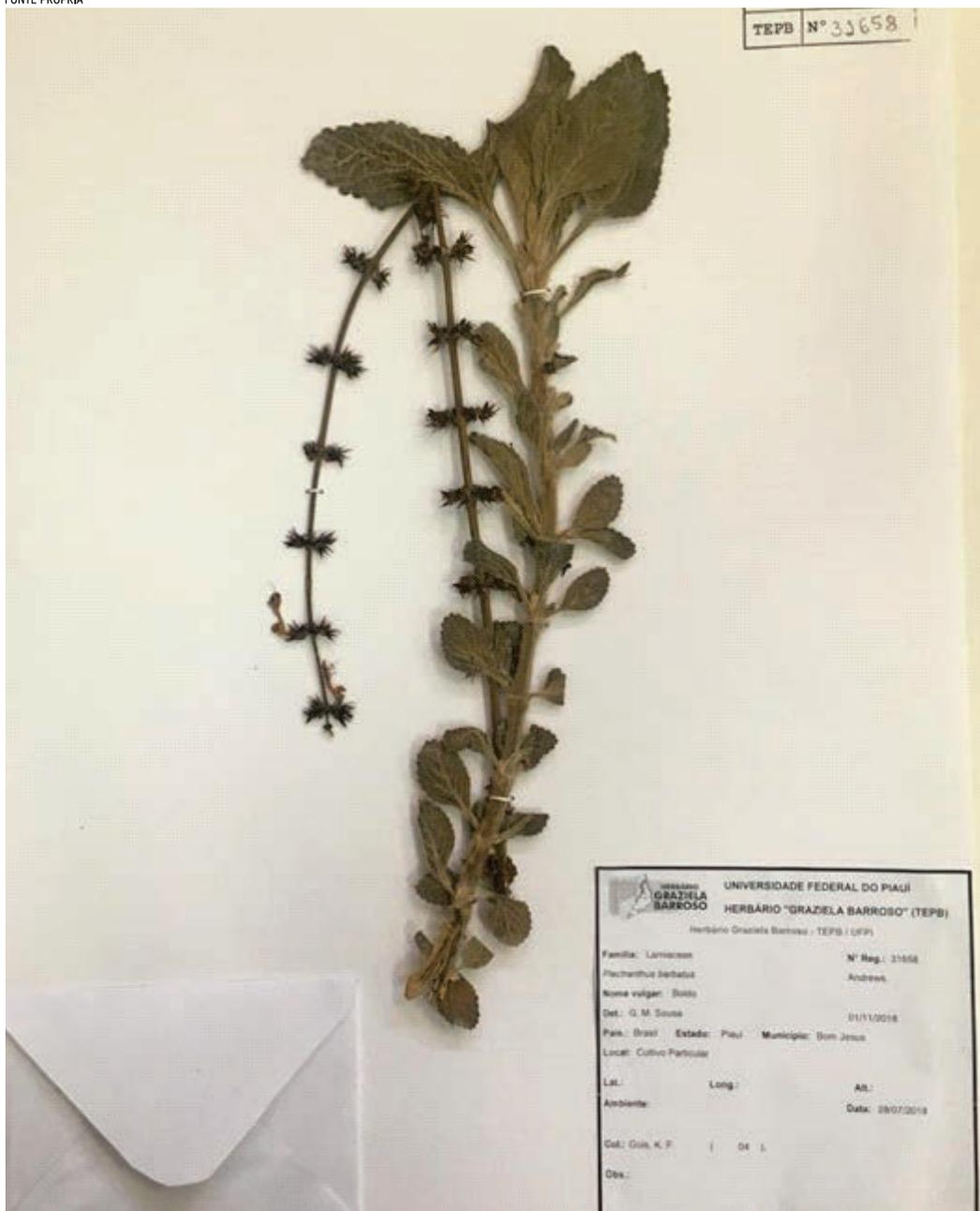


FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **BOLDO**

Família: **Lamiaceae**

Nome Científico: *Plectranthus barbatus* Andrews





A espécie *Plectranthus barbatus* Andrews, popularmente conhecida como “falso boldo”, “boldo peludo” ou “boldo brasileiro”, pertence à família Lamiaceae que inclui cerca de 300 espécies, as quais estão distribuídas na África Tropical, Ásia e Austrália (LUKHOBA, 2006).

Análises fitoquímicas revelaram a presença de compostos diterpênicos e derivados fenólicos, tais como nepetoidinas A e B e o ácido rosmarínico (BRITO et al., 2018). O intenso uso na medicina popular e a crescente elucidação de seus mecanismos de ação relacionados à atividade farmacológica evidenciada levaram à inclusão da espécie na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (BRASIL, 2018), que reúne espécies vegetais com potencial para avançar nas etapas da cadeia produtiva e gerar produtos de interesse do Ministério da Saúde do Brasil.

## INDICAÇÕES



Utilizada na medicina popular para tratar distúrbios do sistema digestivo associados a espasmos intestinais.



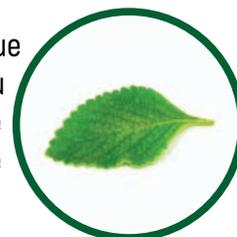
Estudos também apontam sua atividade anti-inflamatória, antifúngica, antibacteriana, antioxidante, antimalárica, ação inibitória de enzimas do HIV-1, redução da gordura total do sangue e no tratamento de asma, bronquites, pneumonias e outras doenças respiratórias (SILVA et al., 2016; KAPEWANGOLO; HUSSEIN; MEYER, 2013; BADMAEV et al., 2015).



## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES

Apesar de terem sido evidenciadas várias atividades biológicas para *P. barbatus*, sua ação terapêutica ainda não foi totalmente estabelecida, fato este que exige cautela em seu uso. Preparações muito concentradas ou uso prolongado podem causar irritação gástrica. Há também registro de casos de sensibilidade a esta espécie.

É contraindicado para mulheres grávidas (gestantes), mulheres que estão amamentando (lactantes), crianças, pessoas hipertensas ou com obstrução das vias biliares. Além disso, pessoas que fazem uso de medicamentos para o sistema nervoso central devem evitar o uso de *P. barbatus* (BRASIL, 2010).





## PARTES UTILIZADAS

As partes mais utilizadas da planta são as folhas (BRASIL, 2010).



## FORMAS FARMACÊUTICAS



*P. barbatus* pode ser utilizado na forma de infusão ou maceração a frio. Também emprega-se a planta externamente no combate de piolhos (SAAD et al., 2016).

## MODO DE PREPARO E POSOLOGIA

-  A infusão é preparada com uma colher de chá das folhas secas ou com uma colher de sopa das folhas frescas picadas mergulhadas em uma xícara de chá de água fervente.
-  A maceração a frio é o método mais comum, é obtida a partir de uma ou meia folha fresca amassadas para uma xícara de chá de água fria. Deixa-se em repouso por 10 horas, coando-se a seguir.
-  Para uso externo, prepara-se uma decocção das folhas para posteriormente misturá-lo com sabão de coco ou glicerina sob aquecimento, deixando-se esfriar e endurecer.
-  De acordo com Lima et al. (2008), a posologia recomendada para adultos é de 10 a 20ml de tintura divididos em até 3 doses diárias;
-  5g da planta fresca (2 e ½ colheres de sopa para cada xícara de água) em infuso 15 minutos antes das principais refeições, para uso interno em afecções hepáticas;





 O banho com 50g de folhas frescas em infuso em 1l de água, tem efeito tranquilizante, produzindo relaxamento e sono reparador.

 Para tratamentos de azia, recomenda-se mascar as folhas engolindo o sumo lentamente.



# CHAMBÁ

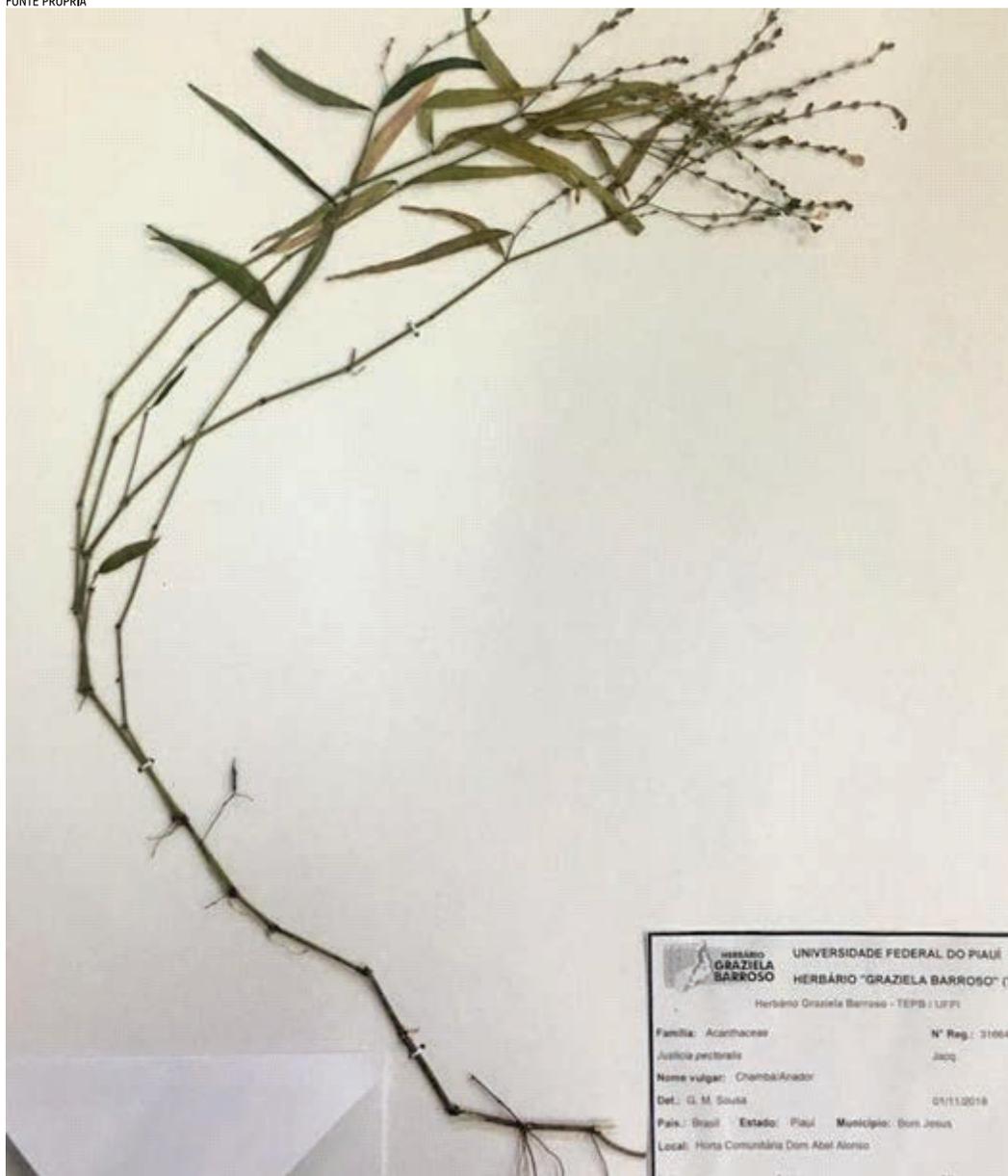


FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **CHAMBÁ**  
Família: **Acanthaceae**  
Nome Científica: *Justicia pectoralis* Jacq.





*Justicia pectoralis* Jacq. é uma planta de origem brasileira que pertencente à família Acanthaceae (SAAD et al., 2016). Apresenta aproximadamente 30 cm de comprimento, caule decumbente, subcilíndrico a subquadrangular verde com pelos retrorsos, folhas verdes e flores sésseis de coloração branca à lilás (OLIVEIRA; ANDRADE, 2000).

Pode ser conhecida popularmente como Chambá, chachambá e trevo-cumaru (BR, 2011) e como anador, trevo-cumaru (SAAD et al., 2016).

## INDICAÇÕES

Saad et al., (2016) indica para tratamento de tosse e analgésico em dores de cabeça e gripe, pneumonia, asma, dores e febre.



Tratamento de distúrbios nervosos (SAAD et al., 2016; CHANFRAU et al., 2013; Leal et al., 2017).

Tratamento de dores no estômago e nas pernas e no tratamento de tosse e como expectorante.

Saad et al. (2016), indica para cólica menstrual, resfriado, tosse e diurético, tratamento diabético, sedativo, antibactericida e problemas respiratórios.



## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES



Indivíduos que possuem distúrbios de coagulação e realiza tratamento com anticoagulantes e analgésicos não podem utilizar a *Justicia pectoralis* Jacq. (BRASIL, 2011).

Saad et al. (2016), justifica que há presença de cumarina que também estão presentes nos flavonoides, saponinas, taninos, antraquinonas, ácidos graxos e terpenoides.

## PARTES UTILIZADAS

As partes mais utilizadas da planta são as folhas de acordo com os estudos citados a seguir:

Folhas (BR, 2011); (SAAD et al. 2016); (LANS, 2007). (ALBUQUERQUE, 2007).



Folhas e sementes (OLIVEIRA et al., 2012).



### FORMAS FARMACÊUTICAS

A *Justicia pectoralis* Jacq. pode ser utilizada como infusão aquosa, infusão das folhas, uso tópico das folhas esmagadas em ferimentos (SAAD et al., 2016; OLIVEIRA et al., 2012).



### MODO DE PREPARO E POSOLOGIA

 Deve ser utilizado partes aéreas secas em infusão da *Justicia pectoralis* Jacq. : 5g para 150 ml, 3x ao dia (SAAD et al., 2016).

 De acordo com Brasil et al. (2011), os adultos devem ingerir 150 ml do infuso após o preparo, 2 a 3 x ao dia;

 Maiores de 70 anos podem tomar 75 mL do infuso após o preparo, 2 a 3 x ao dia;

 Crianças de 3 a 7 anos podem utilizar 35 mL do infuso após o preparo, 2 a 3 x ao dia

 E de 7 a 12 anos podem tomar 75 mL do infuso, logo após o preparo, 2 a 3 x ao dia.



# AMORA

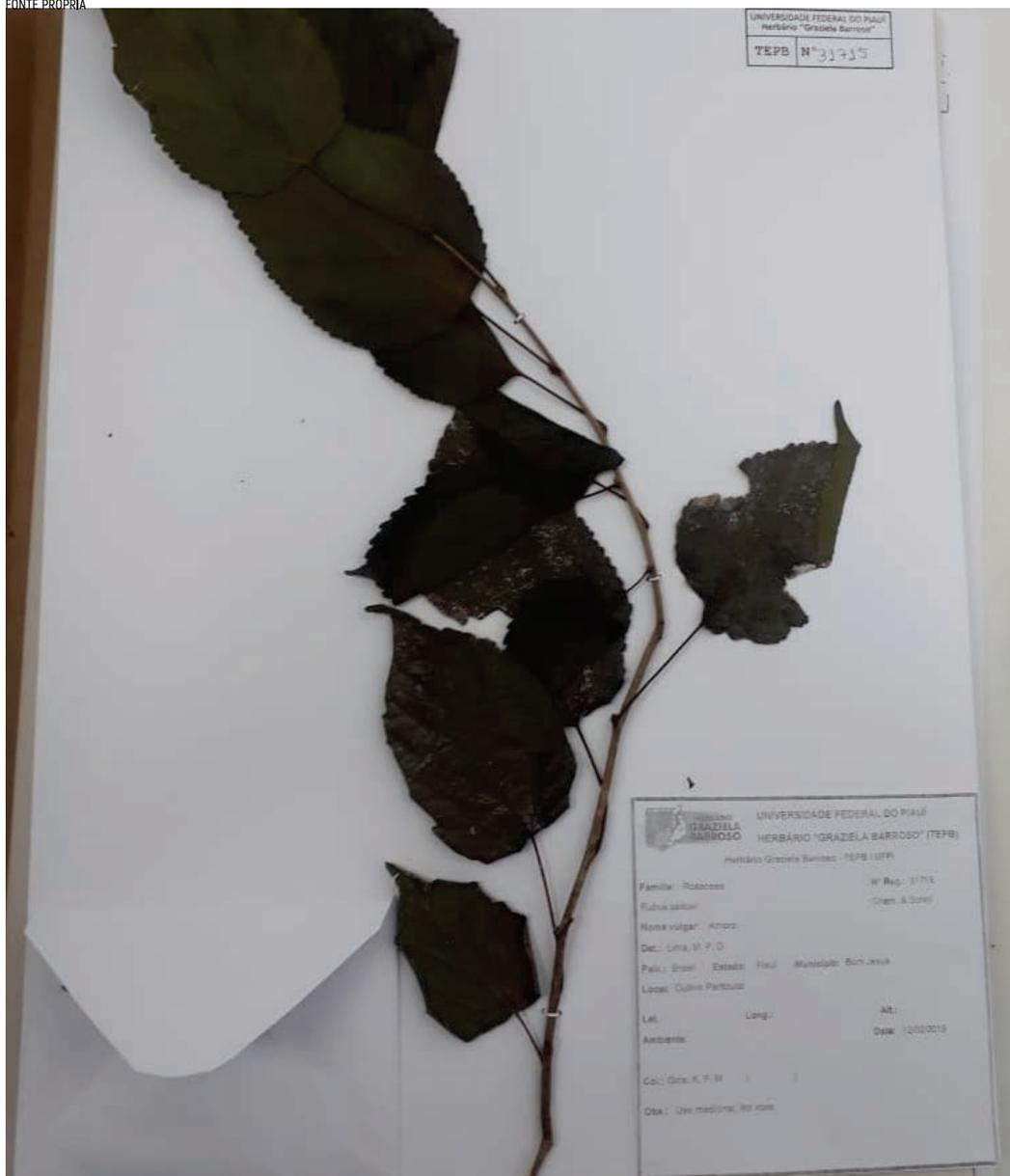


FONTE PRÓPRIA





Fonte Própria



Nome popular: **AMORA**  
Família: **Rosaceae**  
Nome Científica: *Rubus sellowii* Cham. & Schtdl.







A amora (*Rubus sellowii* Cham. & Schtdl) é uma espécie de arbusto perene, espinhento, bastante ramificado, decumbente, apresenta folhas trifolioladas, folículos cartáceos, folíolos cartáceos, flores brancas e amareladas, frutos globosos e avermelhados ou pretos (LORENZI; MATOS, 2008).

## INDICAÇÕES



Reposição hormonal (LIMA; PIRES; VIEIRA, 2014).

Diurética e laxativa, antiespasmódica (MAIA et al., 2011).

Controle do colesterol (GOEBEL; SOUZA, 2017).



Gastrite e menopausa (LIMA; NASCIMENTO; SILVA, 2016).

## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES



Na literatura não foi encontrada qualquer contraindicação.

## PARTES UTILIZADAS

As partes mais utilizadas da planta são:

Folhas (LIMA; PIRES; VIEIRA, 2014).

Folhas e frutos (TROTTA, J. et al, 2012).

Folhas e frutos (GOEBEL; SOUZA, 2017).

Folhas e frutos (LIMA; NASCIMENTO; SILVA, 2016).

Raiz (LORENZI; MATOS, 2008).





## FORMAS FARMACÊUTICAS

A amora pode ser utilizada como: infusão (TROTTA, J. et al, 2012; LIMA; PIRES; VIEIRA, 2014; LIMA, NASCIMENTO e SILVA, 2016; GOEBEL, SOUZA, 2017).



## MODO DE PREPARO E POSOLOGIA



Medicação diurética e laxativa: para o preparo de infusão é utilizada uma raiz na proporção de 1 colher das de sopa para meio litro de água fervente e administra na dose de 4 a 6 colheres das de sopa ao dia;



Diarreia sanguinolenta: ingerir *in natura* os frutos pela manhã;



Bebida tônica e medicação antidiarreica: prepara o chá, na proporção de uma xícara das medidas de frutos por meio litro d'água;



Diurético: por meio de infusão prepara o chá das folhas, na proporção de 1 xícara das médias para um litro de água e administra na dose de 3 xícaras das médias ao dia,



Medicação antiespasmódica: a infusão ou decocto, preparados na proporção de uma xícara das médias dos brotos e inflorescências bem picados para um litro de água, administrada na dose de 4 ou 5 xícaras das de café ao dia (LORENZI; MATOS, 2008).

(LORENZI; MATOS, 2008).

# ERVA DE SÃO JOÃO



FONTE: [Lorenzi; Matos, 2008]





A erva-de-são-joão (*Hypericum perforatum* L.) é um subarbusto perene, ereto, ramificado, apresenta hastes avermelhadas, folhas simples e opostas, flores amareladas, frutos ovoides (LORENZI; MATOS, 2008).

## INDICAÇÕES

Tratamento de depressão leve a moderada (NICOLETTI, et al. 2007; OLIVEIRA, COIMBRA; SIQUEIRA, 2014).

Ansiedade, insônia associada a depressão, transtorno afetivo sazonal, distúrbios da menopausa, síndrome pré-menstrual, terror noturno, espasmos gastrointestinais, gastrite e diarreias (SAAD et al., 2016).



Asma brônquica, bronquite crônica, tosse, cefaleia e dores reumáticas (LORENZI; MATOS, 2008).



## CONTRAINDICAÇÕES



Deve ser evitada quando o paciente estiver fazendo uso de fármacos como: ciclosporina e indinavir (NICOLETTI, et al. 2007) e anticoncepcionais, pois interfere na ação, podendo causar gravidez indesejada (NUNES; MACIEL, 2016).

## PARTES UTILIZADAS

As partes mais utilizadas da planta são:

Folhas (BRITTO; NOBLICK; BRITTO, 1983).



## FORMAS FARMACÊUTICAS

A erva de São João pode ser utilizada como: infusão (Taufner, Ferraço e Ribeiro, 2006); infusão (BRITTO; NOBLICK, BRITTO, 1983) e compressa (SAAD et al., 2016).



## MODO DE PREPARO E POSOLOGIA

-  Através de Extrato seco padronizado;
-  Planta seca: 2 a 4 g/dia;
-  Infusão: 15 a 30g/l, 2 a 3 xícaras/dia;
-  Extrato fluido (1:1): 25 a 50 gotas, 2 a 3 vezes/dia;
-  Tintura (1:5, álcool 60%): 10 a 30 ml/dia;
-  Extrato seco padronizado (0,3% hipericina): 600 a 900 mg/dia,
-  Extrato seco (5:1): 600 a 900 mg/dia.

(RODRIGUES; MENDONÇA; PAULA, 2006)  
(SAAD et al., 2016).



# SOJA

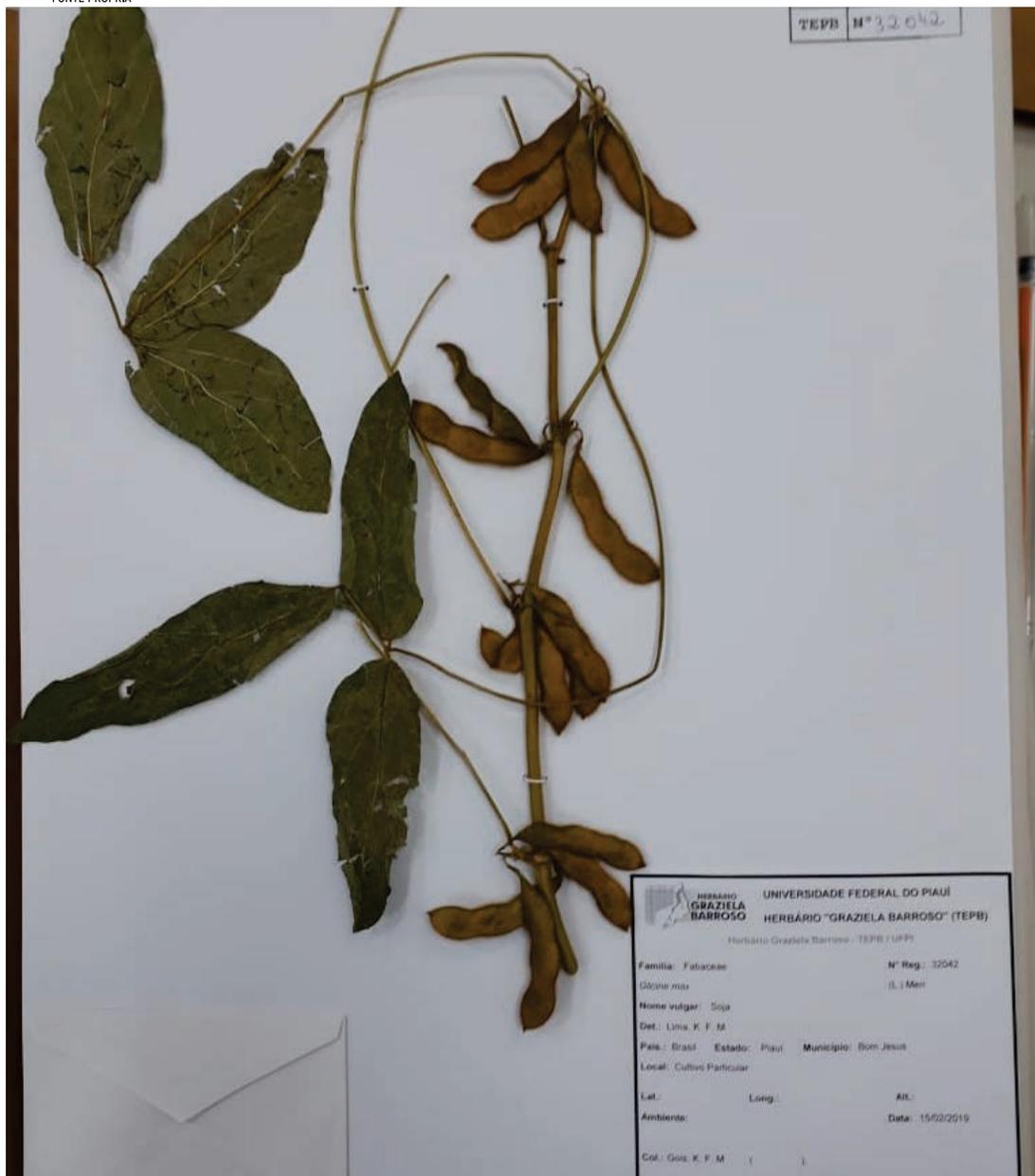


FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **Soja**  
Família: **Fabaceae**  
Nome científico: *Glycine* Max (L.) Merr







A soja (*Glicine Max* (L.) Merr), é uma herbácea ereta que cresce anualmente, apresenta variabilidade para as características morfológicas (SEDIYAMA, 2009).

## INDICAÇÕES

Osteoporose (MARQUES et al., 2016).

Menopausa e climatério (BITENCOURT; MELO, 2016).

Síndrome climatérica, prevenção da dislipidemia e aterogênese, prevenção do câncer de mama e prevenção de câncer prostático (SAAD et al., 2016).



## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES

O uso deve ser evitado por pacientes com câncer de mama em tratamento com tamoxifeno (SAAD et al., 2016).

## PARTES UTILIZADAS

A parte mais utilizada da planta são os grãos (HENRIQUE et al., 2015).



## FORMAS FARMACÊUTICAS

Extrato seco de *Glycine max* padronizado no mínimo de 40% de isoflavonas totais (SAAD et al., 2016).





## MODO DE PREPARO E POSOLOGIA



Extrato seco (padronizado em 40% de isoflavonas): 50 a 250 mg/dia;

**Obs.:** O pH ácido favorece a absorção das isoflavonas, portanto, deve ser administrada em jejum ou entre as refeições,

**Atenção:** O uso deste fitoterápico pode provocar distúrbios gastrintestinais leves como constipação, flatulência e náusea.

[SAAD et al., 2016]

[BRASIL, 2015]



# BABOSA

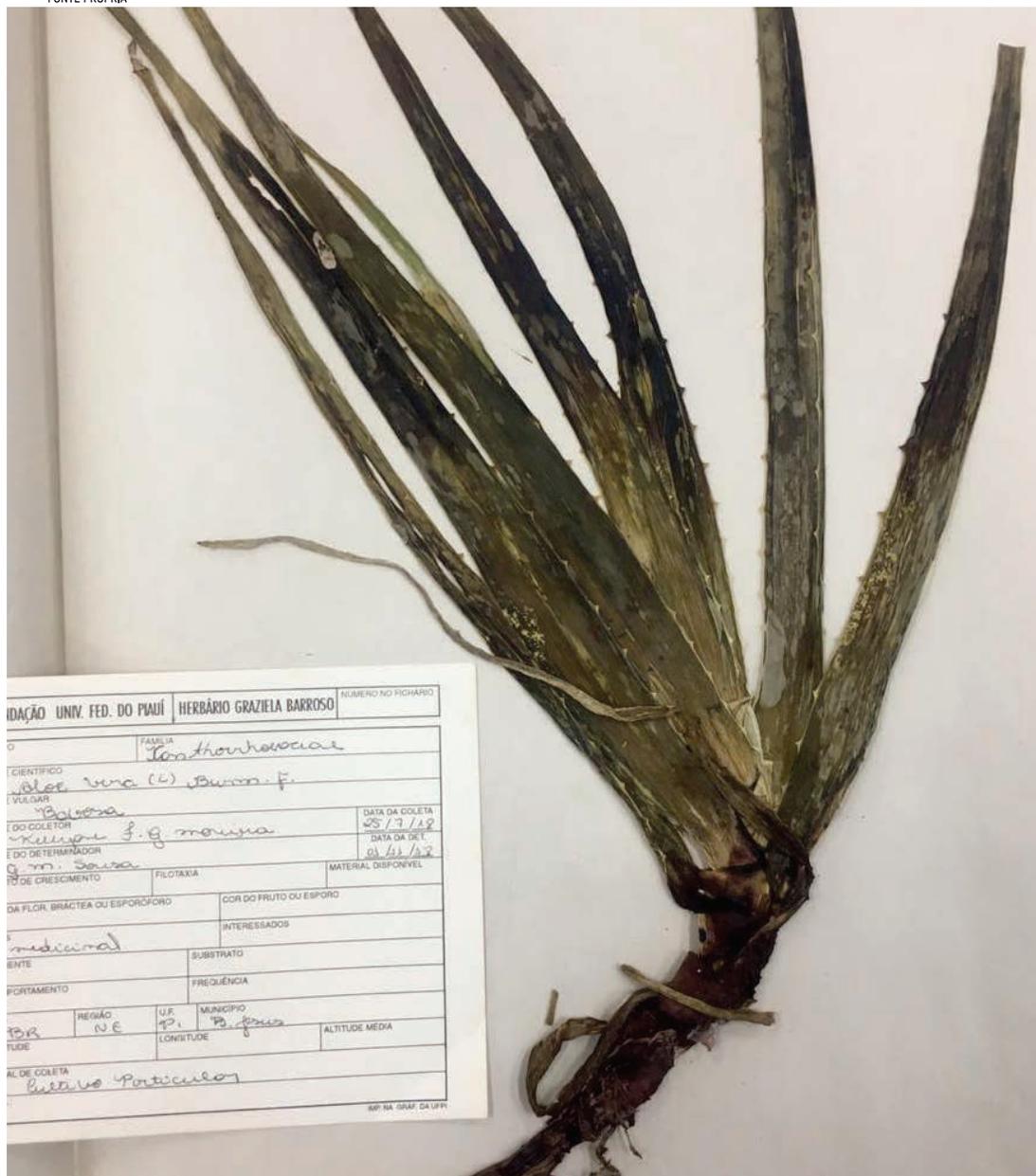


FONTE PRÓPRIA





FONTE PRÓPRIA



Nome popular: **Babosa**  
 Família: **Xanthorrhoeaceae**  
 Nome científico: *Aloe vera* (L.) Burm. F.





A *Aloe vera* (L.) Burm. F. é conhecida popularmente como babosa (Moreski et al., 2018), é uma espécie herbácea que pertence à família Xanthorrhoeaceae, apresenta folhas verdes, grossas, suculentas, carnosas, podendo medir até 1 metro de altura (LORENZI, 2008). Geralmente cresce em qualquer solo e não exige muita água (SAAD et al., 2016).

## INDICAÇÕES

Cicatrizante de queimaduras de 1º e 2º grau, ferimentos, dermatites, hemorroidas inflamadas, furúnculos, fissura anal, constipação intestinal por inércia intestinal e purgativo (LORENZI, 2008; SAAD et al., 2016; BRASIL, 2016).

Saad et al. (2016), relata que antigamente as mulheres egípcias utilizavam a mucilagem (gel) da babosa para realizar a higienização de suas



partes íntimas.



## CONTRA INDICAÇÕES E PRECAUÇÕES

Gestantes não devem realizar o uso interno da babosa, pois pode estimular contrações uterinas e o uso durante o aleitamento também é contraindicado, pois pode causar efeito laxativo na criança. E se utilizada de forma prolongada pode provocar o aparecimento de hemorroidas.

## PARTES UTILIZADAS

Casca e folhas (LORENZI, 2008; SAAD et al., 2016).



## FORMAS FARMACÊUTICAS

A babosa pode ser utilizada na forma de gel, mucilagem e cicatrizante





[SAAD et al., 2016].

### **MODO DE PREPARO**



Hemorroidas inflamadas: deve-se utilizar a polpa (sem cutícula e colocar em forma de supositório) com a ajuda de um aplicador vaginal ou seringa descartável devem ser colocados na geladeira para obter uma consistência firme;



No casos de contusões, entorses e dores reumáticas deve-se realizar a mistura de pedaços pequenos das folhas (50g) com meio litro de água de uma mistura de álcool e água e aplicar no local com um pano limpo e também como compressas e massagens no local,



Para o tratamento de ferimentos e queimaduras deve-se retirar a polpa da casca com uma colher ou faca 3 vezes/dia, após a higienização da área afetada para não ocorrer a contaminação.

[SAAD et al., 2016].



# AROEIRA



FONTE PRÓPRIA





A aroeira (*Schinus terebinthifolia* Raddi) é uma árvore de pequeno a médio porte, de tronco curto, revestido de casca cinzento-escura e áspera. A copa apresenta formato ovóide, com ramos desenvolvidos. As folhas são pubescentes quando novas, de folíolos sésseis. Flores pequenas, amarelo-pálidas. O fruto é uma pequena drupa carnosa de cor avermelhada (SILVA et al,2002; DINIZ et al, 1997; SILVA; OLIVEIRA, 1994).

## INDICAÇÕES

Adstringente, anti-inflamatório ou antiflogístico, antirreumático, anti-ulcerogênico, além de possuir ação antimicrobiana contra *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli*, *Staphylococcus álbuns* e *Candida albicans* (CARVALHO et al., 2013).

Anti-inflamatório nas ginecológica em uso externo, parto em uso externo, gástrico em uso interno (SAAD et



infecções de origem cicatrizante no pós-antiulceroso al., 2016).



Obs.: Ensaios clínicos e experimentais realizados por Amorim e Santos (2003) apóiam o emprego do gel de aroeira em mulheres na terapêutica de vaginose bacteriana sintomática, em cervicites e cérvico-vaginites crônicas.

## CONTRAINDICAÇÕES E PRECAUÇÕES



Gestantes não podem fazer uso interno da aroeira por esta ter um efeito abortivo. A ingestão dos frutos é capaz de provocar intoxicações com vômitos e diarreias (Castro et al. 2004).

Em indivíduos sabidamente alérgicos à planta (SAAD et al., 2016).

## PARTES UTILIZADAS

Entrecasca, casca do caule e folhas (SILVA et al., 2002).





## FORMAS FARMACÊUTICAS

A aroeira pode ser utilizada na forma de gel, cicatrizante e decocção.



## MODO DE PREPARO E POSOLOGIA

 Coloca-se a casca do caule na água fria e levar até a fervura (ebulição). A água deve se manter em ebulição por 15 minutos. Após o cozimento, deixar em repouso de 10 a 15 minutos, coar em seguida e fazer banhos de assentos, tampões intravaginais fazer com 30 gotas três vezes ao dia.

 A lavagem vaginal deve ser diária e por cinco dias seguidos, repouso por dois dias onde se deve aplicar com a ducha antes de deitar. Conforme a patologia poderá ser repetido até 2 meses, com acompanhamento médico (COSTA et al, 1992; SILVA et al, 2002; DINIZ et al, 1997; ARAÚJO et al, 1996; CARRICONDE, 2002; SILVA; OLIVEIRA, 1994).

 Decocção de 100g da casca em 1l de água para uso externo. E essa decocção também pode ser ingerida na dose de 30ml, 2 vezes/dia.

















ALENCAR, M. Y. A. et al. Investigação etnobotânica das plantas medicinais utilizadas para o tratamento de faringoamigdalite no CRAS de Cuité, PB. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**. v. 10. n.1. p. 170-177. 2015.

ALBUQUERQUE, U. P. et al. Medicinal and magic plants from a public Market in northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**. 1 mar 2007; 110(1): 76-91.

ARAÚJO, M. S. C, et al. A utilização de plantas medicinais e da fitoterapia em comunidades assistidas pela Estratégia Saúde da Família. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, 17(4): 6-16, out-dez, 2015.

ALMEIDA NETO, J. R, BARROS, R. F. M. e SILVA, P. R. R. Uso de plantas medicinais em comunidades rurais da Serra do Passa-Tempo, estado do Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. v. 13. n. 3. p. 165-175. 2015.

ALMEIDA, E. R. et al. Plantas medicinais cultivadas pela Pastoral da Saúde de Cacoal - RO. **Revista do Programa de Doutorado da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**. n.03, p.99-114. 2015.

ALVES, G. S. P.; POVH, J. A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba – MG. **Revista Biotemas**. v. 26, n. 3, p. 232-242. 2013.

ALONSO, C. A. J. et al. Medicinal plants used in the Huasteca Potosina, México. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 143, p. 292-298, 2012.

AMARO, H.T.R. et al. Tipos de estacas e substratos na propagação vegetativa da menta (*Mentha arvensis* L.). **Rev. bras. plantas med**. vol.15. n.º 3. Botucatu 2013.

ARAÚJO, M. S. C, et al. A utilização de plantas medicinais e da fitoterapia em comunidades assistidas pela Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**. Vitória, 17(4): 6-16, out-dez, 2015.

BADMAEV, V. et al., Preclinical and clinical effects of *Coleus forskohlii*, *Salacia reticulata* and *Sesamum indicum* modifying pancreatic lipase inhibition in vitro and reducing total body fat. **Journal of functional foods**, v. 15, p. 44-51, 2015.

BANDEIRA, L. R. G. S.; SILVA, M. D. S.; BRITO, R. C. T. Uso de plantas medicinais cultivadas na comunidade Lagoa do Porão, Jatobá do Piauí. **Revista Interdisciplinar**. v. 8, n. 1, p. 55-61. 2015.



BENZIE, I.F.F.; WACHTEL-GALOR, S. Fitoterapia: aspectos biomoleculares e clínicos. **Boca Raton**. 2ª ed. CRC. Press. (2011).

BATTISTI, C. et al. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. v. 11, n. 3, p. 338-348, jul./set. 2013.

BAUMGART, A.M.K. Avaliação do potencial antimicrobiano das espécies vegetais cipura paludosa e *Chenopodium ambrosioides*. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Vale do Itajaí. Mestrado em Ciências Farmacêuticas. 2014.

BITENCOURT, B. L. G.; LIMA, P. G. C.; BARROS, F. B. Comércio e uso de plantas e animais de importância mágico-religiosa e medicinal no mercado público do Guamá, Belém do Pará. **Revista da Faculdade Santo Agostinho**. v. 11. n. 3. p. 98-158. 2014.

BRASIL. **RENISUS** – Agência Saúde. MS elabora relação de plantas medicinais de interesse a o S U S . 0 6 / 0 3 / 2 0 0 9 . Disponível em : <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/sus/pdf/marco/ms\\_relacao\\_plantas\\_medicinais\\_sus\\_0603.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/sus/pdf/marco/ms_relacao_plantas_medicinais_sus_0603.pdf)>. Acesso em: 06 nov. 2018.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Portaria interministerial nº 2.960, de 9 de dezembro de 2008**. Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri2960\\_09\\_12\\_2008.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri2960_09_12_2008.html)>.

BRASIL. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica** /Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. [Cadernos de Atenção Básica, n.º 31].

BRASIL. **RDC Nº 10/2010**. Diário Oficial da União (Imprensa Nacional), 2010. Ano CXLVII, Nº 46, Seção 1. p. 77-79.

BRASIL. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária**. Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2011. 126p.

BRASIL. RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - **RDC Nº 1**. DE 19 DE JANEIRO DE 2015.

BRAZ, D.C.A. et al. Atividade antiulcerogênica do extrato aquoso da *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Kurz. *Rev. bras. plantas med.* vol.15 n.º.1 Botucatu 2013.

BRITO, et al. Levantamento etnobotânico das comunidades envolvidas com o Distrito de Irrigação dos Tabuleiros Litorâneos do Piauí, Parnaíba - Brasil. **Espacios**. v. 39. n. 9. p. 31-45. 2018.

CAETANO, N. L. B. et al. Plantas medicinais utilizadas pela população do município de Lagarto- SE, Brasil – ênfase em pacientes oncológicos. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. v.17, n.4, supl. I, p.748-756, 2015.

CALÁBRIA, L. et al. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. v.10, n.1, p.49-63, 2008.

CAMILLO, F. C. *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson uma espécie nativa promissora para a introdução em programas nacionais de plantas medicinais e fitoterápicos. **Revista Fitos**. v. 1, n. 1. supl. p. 21-27. 2016.

CHANFRAU, J. E. R. et al. Obtenção de extrato seco de extratos aquosos de *Justicia pectoralis* Jacq. (tilo). **Revista Cubana Plantas Medicinias**. vol.18 no.4 Ciudad de la Habana out.-Dic. 2013.

CHIBLI, L. A. Caracterização química e atividades biológicas de *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken. **Dissertação de mestrado**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Farmácia e Bioquímica. Programa de Pós Graduação e Ciências Farmacêuticas, 2013.

COSTA, M.V.L.; TAVARES, E.S. Anatomia foliar de *Chenopodium ambrosioides* L. (Chenopodiaceae) - Erva-de-Santa Maria. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.8, n.3, p.63-71, 2006.

DI STASI, L.C.; HIRUMA-LIMA, C.A. Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica. 2.ed. São Paulo: **UNESP**, 2002. 604p.

DE DAVID, M.; PASA, M. C. As plantas medicinais e a etnobotânica em Várzea Grande, MT, Brasil. **Interações**. v. 16. n. 1. p. 97-108. 2015.

DORIGONI, P. A. et al. Levantamentos de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I- Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. v. 4, nº 1, p. 69-79, 2001.



FALZON, C.C.; BALABANOVA, A. Phytotherapy: An Introduction to Herbal Medicine. **Primary Care: Clinics in Office Practice**, Volume 44, Issue 2, June 2017, Pages 217-227.

FEIJÓ, E.V.R.S. et al. Levantamento preliminar sobre plantas medicinais utilizadas no bairro Salobrinho no município de Ilhéus, Bahia. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. v. 15, n. 4, p.595-604. 2013.

FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. v. 8. n. 3. p.78-88 2006.

FREITAS, A. V. L. et al. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. v. 10, n. 1, p. 48-59. 2012

FREITAS, A. V. F. e COELHO, M. F. B. Os "remédios do mato" por especialistas locais da comunidade São João da Várzea, Mossoró, RN, Brasil. **Interações**. v. 15. n. 2. p. 249-264. 2014.

GOMES, E. C.; NEGRELLE, R.R.B. Análise da cadeia produtiva do capim limão: estudo de caso. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.17, n.2, p.201-209, 2015.

GOMES, M.; ROCHA, L. E. A.; GOMBERG, E. Análise das publicações etnobotânicas sobre plantas medicinais da Mata Atlântica na Região Sul do Estado da Bahia, Brasil. **Revista Fitos**. v. 10, n. 2, p. 115-140, dez. 2016.

GONÇALVES, Z. A. et al. Alternativas terapêuticas para tratamento de afecções bucais no idoso. **Revista de Odontológica do Brasil Central**. v. 23. n.66 . p. 130-134. 2014.

INNECCO, R. et al. Espaçamento, época e número de colheitas em hortelã-rasteira (*Mentha x villosa* Huds). **Revista Ciência Agrônômica**. Vol. 34, Nº.2 - 2003: 247 - 251.

JOLY, A.B. **Botânica: introdução à taxonomia vegetal**. 13ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 2002.

KAPEWANGOLO, P.; HUSSEIN, A.A.; MEYER, D. Inhibition of HIV-1 enzymes, antioxidant and anti-inflammatory activities of *Plectranthus barbatus*. **Journal of Ethnopharmacology**, 149 (2013) 184–190.

LACCOURREYE, O. et al. Benefits, pitfalls and risks of phytotherapy in clinical practice in



otorhinolaryngology. **European Annals of Otorhinolaryngology, Head and Neck diseases.** 134 (2017) 95–99.

LANS, C., 2007. Etnomedicamentos usados em Trinidad e Tobago para problemas reprodutivos. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine.** 2007,3:13.

LIMA, J. L. S. et al. **Plantas medicinais de uso comum no Nordeste do Brasil. Campina Grande,**2006. 81p.

LIMA, A. et al. Índice terapêuticos fitoterápico.1 Ed. – Petrópolis, RJ: EPUB,p. 111-112, 2008.

LIMA, R. A.; PIRES, L. S. S.; VIEIRA, N. G. A educação ambiental e o uso de plantas medicinais utilizadas pela população do distrito de União Bandeirante-Rondônia. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental.** v. 18 n. 4, p.1351-1360, 2014.

LINS, M. P. G. e MEDEIROS, V. M. Avaliação do uso de plantas medicinais no tratamento de doenças gastrointestinais na cidade de Nazarezinho – PB. **Revista Interdisciplinar em Saúde.** v. 2. n. 1. p.75-98. 2015.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Medicinais do Brasil – Nativas e Exóticas.** Instituto Plantarum, p. 488. Nova Odessa/SP,2002.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** 2 ed. Nova Odessa,SP: Instituto Plantarum, 2008.

LOPES, C. G. R. et al. Conhecimento tradicional de plantas medicinais na comunidade tabuleiro do Mato de Floriano, Piauí, Brasil. **Espacios.** v. 37. n. 15. p. 22-28. 2016.

LUCENA, R.F.P.; et al. **Useful Plants of the Semi-Arid Northeastern Region of Brazil – A Look at their Conservation and Sustainable Use.** Environ Monit Assess 125:281–290. 2007.

LUCENA, D. S. et al. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Lagoa, Sertão Paraibano. **Revista Biologia e Farmácia.** v. 9, n. 1, p. 105-115, março/maio, 2013.

LUCENA, B.F.F. et al. Avaliação da atividade antibacteriana e moduladora de aminoglicosídeos do óleo essencial de *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. **Acta biológica Colombiana.** Vol. 20, n. 01, p.39-45, 2015.



LUKHOBBA, C.W.; et al., Plectranthus: a review of ethnobotanical uses. **Journal of Ethnopharmacology**. v.103, p. 1-24, 2006.

MAIA, J.T.L.S. et al. Influência do cultivo em consórcio na produção de fitomassa e óleo essencial de manjeriço (*Ocimum basilicum* L.) e hortelã (*Mentha x villosa* Huds.). **Revista brasileira de plantas medicinais**. vol.11 nº.2 Botucatu 2009.

MACHADO, H.L. Pesquisa e atividades de extensão em fitoterapia desenvolvidas pela Rede FitoCerrado: uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos por idosos em Uberlândia-MG. **Revista brasileira de plantas medicinais**. vol.16 nº.3 Botucatu July/Sept. 2014.

MAGALHÃES, Alessandra. Etnobotânica e conservação nas comunidades do entorno da Reserva Natural Serra das Almas, CE-PI, Brasil. p.1-81. 2006. Fortaleza: **Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente**, PRODEMA/UFC, 2006.

MATOS, F. J. A. et al. Essential oil of *Mentha x villosa* Huds from northeastern Brazil. **Journal Essential Oil Research**. 11. 41-44. 1999.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S. E ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**. 18(2): 391-399. 2004.

MORESKI, D. A. B., et al. Ação cicatrizante de plantas medicinais: um estudo de revisão. **Arquivo Ciências e Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 63-69, jan./abr. 2018.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**. v. 22, n. 4, p. 225-234. 2009.

NASCIMENTO, E. M. **Avaliação do efeito anti-helmíntico do hidrolato de *Mentha villosa* Huds. (Lamiaceae) em nematóides gastrintestinais de bovinos**. Dissertação (mestrado em Comportamento e Biologia Animal) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

NEGRELLE, R.R.B.; GOMES, E.C. *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf: chemical composition and biological activities. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.9, n.1, p.80-92, 2007.

NOUMI, E.; YOMI, A. Medicinal plants used for intestinal diseases in Mbalmayo Region, Central Province, Cameroon. **Fitoterapia**, v. 72, n. 3, p. 246-254, 2001.



OLIVEIRA, D.M.S; LUCENA, E.M.P. O uso de plantas medicinais por moradores de Quixadá–Ceará. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais. Campinas**, v.17, n.3, p.407-412, 2015.

OLIVEIRA, M. F. A., ANDRADE, C. H. L. Caracterização morfológica de *Justicia pectoralis* Jacq. e *J. gendarussa* BURM. F. (ACANTHACEAE). **Rev. Acta Amazônica** 30 (4): 569-578. 2000.

OLIVEIRA, T. B.; COSTA, J. C. Concordância de uso e importância das espécies utilizadas como medicinais pela comunidade do Povoado Juá, Paulo Afonso – BA. **Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**. v. 5, nº7. p.1-21. 2017.

PANTOJA, S. C. S. E LOPES, G. F. G. Levantamento das espécies de plantas medicinais utilizadas pela população de Santa Cruz – Rio de Janeiro – RJ. **Revista Eletrônica Novo Enfoque**, ano 2012, v. 15, edição especial, p. 62 – 68.

SÁ, R. D. ESTUDO FARMACOGNÓSTICO DE *Chenopodium ambrosioides* L. (Chenopodiaceae). **Dissertação (Mestrado)**. Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Programa de Pós Graduação em Ciências Farmacêuticas, 2013 SAAD, G. A. et al. *Fitoterapia contemporânea: tradição e ciência na prática clínica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

SAAD, G. A. et al. **Fitoterapia contemporânea: tradição e ciência na prática clínica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

SANTOS, S. L. D. X. et al. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade rural do semi-árido da Paraíba, Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Farmácia*.v. 93, n. 1. p. 68-79. 2012.

SILVA, F. L. A.; OLIVEIRA, R. A. G E ARAÚJO E. C. Use of medicinal plants by the elders at a family's health strategy. **Revista de Enfermagem da UFPE** on line. 2008 jan./mar.;2(1):9-16.

SILVA, J. A.; BÜNDCHEN, M. Conhecimento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Bairro Cidade Alta, município de Videira, Santa Catarina, Brasil. **Unoesc & Ciência – ACBS**. v. 2. n. 2. p. 129-140. 2011.

SILVA, B. N. C. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II – Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**. v. 11. n. 5. p. 435-453. 2012.



SILVA, S. et al. Conhecimento e uso de plantas medicinais em uma comunidade rural no município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**. v. 8. n. 1. p. 248-265. 2014.

SILVA, R. M.; FARIAS, M. T. Caracterização etnobotânica e histoquímica de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do bairro Carrilho, Goianésia (GO). **Enciclopédia Biosfera**. v.10, n.19; p. 2807-2829. 2014.

SILVA, J. D. A. et al. Ethnobotanical survey of medicinal plants used by the community of Sobradinho, Luís Correia, Piauí, Brazil. **Journal of Medicinal Plants Research**. v. 9. n. 32. p. 872-883. 2015.

SILVA, M. P.; BARROS, R. F. M. e MOITA NETO, J. M. Farmacopeia natural de comunidades rurais no Estado do Piauí, Nordeste do Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. v. 33. p. 193-207. 2015.

SILVA, M. D. P.; MARINI, F. S.; MELO, R. S. Levantamento de plantas medicinais cultivadas no município de Solânea, agreste paraibano: reconhecimento e valorização do saber tradicional. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. v.17. n. 4. supl. II. p.881-890, 2015.

SILVA, C.F.G.; MENDES, M.P.; ALMEIDA, V.V.; MICHELS, R.N.; SAKANAKA, L.S.; TONIN, L.T.D. Parâmetros de qualidade físico-químicos e avaliação da atividade antioxidante de folhas de *Plectranthus barbatus* Andr. (Lamiaceae) submetidas a diferentes processos de secagem. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Campinas, v.18, n.1, p.48-56, 2016.

SILVA, D. L.; SILVA, Z. G.; BRITO L. K. F. L. Uso de plantas medicinais por usuários da atenção básica de saúde no município de Tavares-PB. **Revista Principia – Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**. n. 38. p. 129-137. 2018.

SIQUEIRA, et al. Uso de plantas medicinais por hipertensos e diabéticos de uma estratégia saúde da família rural. **Revista Contexto & Saúde**. v. 17. n. 32. p. 33-45. 2017.

SOARES, M. A. A. et al. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população do município de Gurinhém – Paraíba. **Revista Homem, Espaço e Tempo**. v. 3. n. 2. p.36-47. 2009.

SOUSA, M. P. et al. **Constituintes químicos ativos e propriedades biológicas de plantas medicinais brasileiras**. Fortaleza: Editora UFC, 2004. 448p.

SZERWIESKI, L. L. D. et al. Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária. **Revista**



**Eletrônica de Enfermagem.** v.19. p.1-11. 2017.

TROTTA, J. et al. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Estudos Ambientais (Online)**. v.14. n.3. p.17-34. 2012.

VALE, K. S.; RODRIGUES, M. H. B. S.; PEREIRA JUNIOR, E. B. Uso de plantas medicinais em assentamento no sertão Paraibano. **Revista de Agroecologia no Semiárido**. v. 1, n.1, p.1 - 7, Jan - Junho, 2017.

VARGAS, N. R. C. et al. Plantas medicinais utilizadas na cicatrização de feridas por agricultores da região sul do RS. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**. v. 6. n.2. p. 550-560. 2014.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**. v. 44, n. 4, p.457-472. 2014.

ZAGO, J.A.A. et al. Sigergismo entre óleos essenciais e drogas antimicrobianas sobre linhagens de *Staphylococcus aureus* e *Escherichia coli* isoladas de casos clínicos humanos. **Revista Brasileira de Farmacognosia**: vol.19, n. 04, p. 828- 833, 2009.







Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-509-0459-7



9 788550 904597